
A PRINCESA E O ENCANTO
UM CONTO DE FADAS DE
YASMIM RAMOS

A PRINCESA E O ENCANTO

UM CONTO DE FADAS DE

YASMIM RAMOS

Copyright © 2023

Yasmim Ramos

A Princesa e o Encanto

Reservados todos os direitos. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

Edição de capa: Joyce Costa e Avalon Bookcovers

Ilustrações: Joyce Costa

Revisão do texto: Artemia S. Kan-po

Diagramação: Yasmim Ramos

Apresentação

Oi, leitor! Este livro é o meu segundo conto de fadas. O primeiro foi A Fada de Rosália, do qual também me orgulho muito, apesar de breve, foi como um processo de cura para mim escrevê-lo. Ele foi também a porta de entrada para que eu acreditasse que era capaz de levar minhas histórias adiante.

Sou Maranhense, de uma pequena cidade que se chama Grajaú. Adoro sentar para ouvir uma boa história. Sou apaixonada por romances e fantasias, e sempre quis viver um conto de fadas. Talvez por isso eu quis escrever fantasias.

Desde que entrei para o curso de Letras, eu esperava trilhar um caminho para que eu pudesse escrever meus próprios livros. Não espero que ele seja um livro muito reconhecido, porque ele certamente não é perfeito. Mas é parte do início do meu maior sonho. E todo sonho é válido, não é mesmo?

Escrever A Princesa e o Encanto foi um marco importante para mim, pois foi quando vi, mais do que nunca, minha imaginação ganhar vida e transcorrer pelo papel como quando se está em um sonho. Você está de alguma forma lá dentro do livro, das suas próprias palavras, vivendo naqueles lugares que imaginou. E essa é a sensação mais fantástica que alguém tão sonhador quanto eu poderia experimentar ao criar seu próprio universo, reino, mundo em suas próprias histórias.

Com amor, Yasmim Ramos.

Com todo meu amor e carinho para meu avô,
que foi o maior e melhor contador de histórias
da nossa família, ele foi inspiração para que eu
quisesse escrever as minhas próprias histórias.



"Eu te encontrarei nos sussurros de um conto de fadas, sob as luzes brilhantes das ideias, nas lágrimas de alguns sonhos perdidos, em um mundo esquecido, descansando num vislumbre de esperança, para ser lembrado e, mais uma vez, trazido de volta à vida~



Capítulo 1

Ao raiar do dia de um domingo de primavera, em um abril reluzente, nascera a princesa Lavender de Beauchene, ela era a primeira filha da princesa Filipa e de Leander, o príncipe consorte. Sua mãe, a princesa Filipa, viria a ser mais tarde a rainha de acordo com a linha de sucessão da Família Real do reino de Beauchene. Seu pai, o rei Philippe, governara durante os últimos 50 anos. O rei Philippe e a rainha Yanna haviam tido apenas Filipa como herdeira.

Depois do recente casamento, Filipa dera à luz a uma princesinha graciosa, seus cabelos eram de um tom de louro quase branco, que mais pareciam nuvens, olhinhos de um azul acinzentado como um dia nublado e bochechas tão coradas como os tomates-cerejas que Filipa tanto amava. O que a fizera sorrir ao pensar nessas comparações enquanto admirava a pequena princesa em seus braços.

Lavender nascera saudável e cheia de vida, mesmo com as dificuldades que Filipa enfrentou para chegar ao fim daquela gestação. A pequena princesa nascera um mês antes do previsto, mas já parecia estar mais do que pronta para abraçar o mundo em que acabava de ser recebida.

Após a alegria de receber sua primogênita, Filipa precisou ainda de alguns meses para recuperar-se totalmente do parto. A pequena Lavender fora alimentada e cuidada em grande parte por Anali, a ama que era também uma grande amiga de Filipa, e com a determinada supervisão da rainha Yanna. A rainha estava radiante pelo nascimento da neta, praticamente não saía do quarto da filha desde o nascimento da pequena Lavender.

A princesinha tinha poucas lembranças da mãe, lembrava-se vagamente de ser carregada no colo escadas acima pelo castelo, lembrava-se às vezes do sorriso dela, dos longos cabelos dourados, e de andar a cavalo no colo dela. Mas eram somente algumas lembranças que vinham em flashes; quando se tem

apenas 5 anos de idade não costuma-se lembrar de muitas coisas. Lavender perdera a mãe alguns meses após ter completado 5 anos, quando a saúde da princesa Filipa veio a decair depois da perda prematura de seu segundo filho.

Os médicos já não aconselhavam que ela viesse a engravidar novamente após a difícil gestação de Lavender, mas ela havia tentado ter o segundo filho mesmo sabendo dos riscos. Assim que soubera da gravidez, Filipa poderia ter prontamente interrompido, mas quis guardar aquilo em segredo para si mesma até que a gravidez já estivesse avançada. O rei Philippe e o príncipe Leander, marido de Filipa, haviam ficado em alerta na ocasião em que ela dera-lhes as boas novas. Muito embora nada que algum deles tivesse dito a ela, faria com que mudasse de ideia.



Aos 16 anos, Lavender era demasiadamente semelhante à Filipa, não somente na aparência, mas também em espírito. Ela era tão determinada e teimosa quanto sua mãe tinha sido. *Quando ela tem uma ideia em mente, não há ser humano no mundo que a tire dela*, costumava dizer o rei Philippe.

Ela cresceu com o costume de caminhar pelos arredores do castelo todos os dias, passava horas admirando a natureza à beira do riacho que passava na parte oeste do castelo. Amava ver o pôr do sol e visitava os estábulos todos os dias para acariciar os cavalos.

Embora sua avó, a rainha Yanna, tentasse constantemente proibi-la, alegando que, como uma dama, ela deveria ocupar-se com leituras, estudos de música ou aprender bordados e pinturas com Anali. Ela não tinha o menor talento para instrumentos, apesar dos incontáveis tutores que tinham lhe arranjado desde seus 7 anos de idade. As artes, ela amava somente admirar. Os livros, ela até gostava, principalmente os livros em que algum herói saia pelo mundo em busca de aventuras. No entanto, muitas vezes ela queria encontrar nos livros algumas histórias de heroínas que também saíssem em busca de suas próprias aventuras. Costumava questionar ao ler para seu avô em algumas noites em que ficavam reunidos após o jantar próximos à lareira da sala do Rei:

— Vovô Philippe, por que nesses livros as aventuras são sempre vividas por homens?

— Certamente porque foram escritos por homens, minha querida — o rei sorria diante da perspicácia da neta.— Terá que viver suas aventuras e escrevê-

las em seus livros. Assim eles também terão histórias de heroínas, o que acha?

— Acho justo, vovô! — respondia ela com uma chama no olhar. — Um dia, também escreverei minhas aventuras em um desses livros.

— Sua mãe ficaria orgulhosa — incentivava o rei, ao lembrar-se constantemente da filha.

— Minha mãe foi uma aventureira?

— Sua mãe era muito determinada, assim como você — dizia o rei. — Principalmente quando ela saia a galope naquele cavalo Encantado, ele que mal deixava que alguém o tocasse além dela.

E o avô contava a ela aquela história mais uma vez. Ao longo dos anos ele contara muitas vezes à neta sobre o cavalo mais precioso que tinham, que havia sido de sua Filipa. Ela montara nele com Lavender no colo diversas vezes enquanto a princesinha ainda era muito pequena. Após a princesa Filipa ter partido, o cavalo Encantado continuou a ter os melhores cuidados, mas desde então, jamais havia sido montado novamente, nem mesmo a passeio pelo príncipe ou pelo rei.

O rei Philippe contara a ela que era desejo de sua mãe que o cavalo pertencesse a ela algum dia. Mesmo sem saber que partiria tão cedo, ela costumava dizer em incontáveis ocasiões que o cavalo seria de Lavender. Filipa sabia e reconhecia no espírito da filha, mesmo ainda tão pequenina, o amor que ela teria por ele. Sempre que montava Encantado com Lavender a tiracolo, ele trotava com mansidão, como se tivesse compreensão do ser precioso que ela carregava consigo. Em sua gravidez Filipa evitara montar, embora, ainda assim, algumas vezes o fizera, até ter sido obrigada a ficar de repouso em decorrência das complicações.

Lavender costumava visitar os estábulos quase todos os dias, mas nunca a deixavam ficar lá por muito tempo. Ela costumava falar com Encantado e acariciá-lo, mesmo que nunca a tivessem permitido montá-lo. Encantado era dócil com poucas pessoas, nem mesmo o cavalariço conseguia aquilo com facilidade. Para eles, era impressionante a ligação que a princesinha tinha com Encantado, mesmo que nunca tivesse montado nele sozinha depois que sua mãe partiu. 11 anos haviam se passado desde então.

Capítulo 2

O dia do aniversário da princesa Lavender começou com ela sendo acordada, ainda bem cedo, pela rainha Yanna para que repetissem a tradição de todos os aniversários dela. As duas costumavam levantar antes do amanhecer para ver o sol nascer da janela da varanda do quarto da princesa. A rainha havia criado aquela tradição desde o aniversário de 6 anos da princesa, o primeiro aniversário após a partida Filipa.

No aniversário do ano seguinte à partida da mãe, Lavender ficara extremamente abatida na noite anterior a seu aniversário. Filipa costumava acordá-la todos os aniversários bem cedo pela manhã, deitando-se ao lado da filha enquanto cantava para ela uma canção especial de aniversário.

A rainha Yanna reuniu todas as forças na manhã do aniversário de 6 anos da neta, com o coração dilacerado pela falta que também sentia de sua amada filha. Sabia que a ocasião era ainda mais difícil para a pequenina princesa.

Lavender já estava acordada quando a rainha chegara a seu quarto naquela manhã. Ela estava envolta pelo cardigan lilás bordado à mão com pequeninas flores de lavanda; Filipa tinha bordado as flores de lavandas nele quando estava esperando o nascimento dela. Todas as noites antes de dormir Filipa tirava o cardigan e deixava ao lado de Lavender, a princesinha então sentia o cheiro da mãe na roupa e dormia como se ela estivesse ao seu lado por toda a noite. Então, depois de um tempo, Filipa aceitara que o cardigan que mais amava não era mais dela, e sim da pequena Lavender.

Ao chegar ao quarto, a rainha abraçou a neta e cantaram juntas a canção de aniversário. Em algum canto da mente, as duas imaginavam que a voz da princesa Filipa cantava junto à delas. Aquela canção ressoava em seus corações como uma lembrança eterna que jamais poderia ser apagada:

“Acorda minha princesa tão pequenina
Acorda para ver o sol, que vem raiando
No céu de Beauchene, sol de abril iluminado

Brilha sobre a minha florzinha de Lavanda
A minha princesinha de Beauchene”

Era uma canção que Filipa inventara para Lavender, que, embora ainda muito pequena, lembrava-se de todas as palavras daquela melodia simples, como uma canção de ninar cheia de amor.

No 16º aniversário, Lavender repetira a tradição com a avó, logo depois de assistirem ao nascer do sol juntas, carregadas de sentimentos e ainda chorosas, desceram as escadarias do castelo para o café da manhã de aniversário.

Todos os anos, sem falta, a rainha pedia para os cozinheiros prepararem o bolo de chocolate com morangos favorito da princesa. E então, elas se juntavam ao rei Philippe e ao príncipe Leander para o desjejum.

Naquele aniversário, em especial, haveria um baile em Beauchene. Os preparativos começaram desde a semana anterior. Muitos criados haviam passado a noite anterior em claro, cozinhando, ornamentando e organizando o salão do castelo. Apesar do vai e vem de todos eles desde cedo, Lavender estava especialmente cheia de expectativas para seu primeiro baile, ela sabia que seus avós haviam preparado uma surpresa para ela. Nas semanas anteriores, ela ouvira algumas conversas que eram sempre deixadas no ar quando estava por perto.



— Então, como estou, vovó? — Lavender olhava sua própria imagem refletida no espelho, verdadeiramente encantada com seu primeiro vestido de baile.

Ela parece uma visão divina, pensara a rainha. O vestido que ela usava era de um tom de lilás pastel com rendas e pequenos detalhes de flores bordadas junto ao busto. Ao admirar a neta pronta para seu baile, a rainha lembrara-se da própria filha na ocasião do seu baile de 16 anos. O vestido que Filipa havia escolhido era esverdeado, mas igualmente divino. O que fazia com que ela parecesse uma fada da floresta. Filipa havia rido com intensidade quando a rainha fizera aquele comentário para ela em voz alta.

— Uma princesa encantada, meu bem — disse a rainha com sincera admiração. — Podemos descer, minha querida — apressou-a. — Todos os

convidados já estão à nossa espera. Tem alguém muito importante que queremos que conheça.

Alguém importante, intrigou-se Lavender. Será que a surpresa que eles tanto esconderam todas aquelas semanas era alguém que ela deveria conhecer?

O salão de baile de Beauchene estava impecável, a ornamentação digna de uma princesa debutante. Havia muitas flores de lavandas por todos os lados. Eram as flores favoritas de Lavender, talvez pelo próprio nome que ela carregava consigo. Mas ela costumava ter sempre um ramalhete delas consigo a sua cabeceira. De certa forma, elas a tranquilizavam. Especialmente em Beauchene, havia muitas delas pelos campos aos arredores do reino. Elas significavam serenidade, ela lera em um antigo livro sobre a linguagem das flores que encontrara na biblioteca do rei.

Todos ficaram maravilhados à medida que a princesa e a rainha desciam as escadarias para se juntarem a eles. Em meio a inúmeros cumprimentos, elas chegaram até o trono, onde estavam o rei Philippe e o pai de Lavender, o príncipe Leander, no assento oposto ao reservado à rainha. Quando elas se sentaram em seus lugares ao lado deles, o rei levantou-se para dar início à cerimônia.

Conforme as tradições, a princesa seria apresentada oficialmente à corte, receberia uma coroa especial de debutante e enfim dançaria com alguém dentre os rapazes convidados. Lavender estava realmente ansiosa pela coroa que receberia, queria que fosse a coroa que pertencera à sua mãe. Sobre a dança, ela treinara algumas semanas com o próprio pai, Leander, mas não achava que teria muito sucesso naquilo. Aliás, ela rezava para que nenhum rapaz da corte ou de outro reino dentre os convidados, se dispusessem a dançar com ela, e então talvez pudesse dar a mão de sua primeira dança a seu pai.

— Permita-me apresentá-la — começara o rei — a alguém que há muito espera para conhecê-la, minha filha.

Lavender estendera a mão a seu avô naquele momento, e os dois se levantaram de seus lugares e andaram em direção a alguns convidados que estavam bem próximos a eles.

— Este é o príncipe Luidiz, filho de Alfred III rei da Bretanha — disse o rei com orgulho. — Fizeram uma longa viagem para prestigiar seu baile de aniversário.

Os dois pareciam satisfeitos, exibiam sorrisos cúmplices de dois reis amigos. O rapaz, o tal príncipe Luidiz, parecia alguns anos mais velho que ela,

era bonito, não se podia negar. Tinha olhos azuis acinzentados e seu cabelo era louro escuro, sua pele pálida parecia reluzir. Em alguns momentos ele exibia um sorriso polido, e então em seguida parava repentinamente como se alguém o repreendesse por aquilo.

— Encantado, princesa Lavender — disse o príncipe, beijando-lhe a mão.

Ficou claro para ela naquele momento que suas preces para que sua primeira dança fosse com seu pai estava descartada.

— Poderia me dar a honra de sua primeira dança? — perguntou o príncipe logo em seguida, como se adivinhasse seus pensamentos, mas de um jeito contrário. Ela bem que queria mesmo poder fugir naquele momento.

— Claro! — ela deu sua mão a ele, por fim, ciente de que não teria escapatória.

Enquanto dançavam, ele fora extremamente gentil, fingira não ligar para os primeiros tropeços dela e rira baixinho em alguns momentos, sempre com aquela polidez exagerada que ela não entendia o motivo de ele ter tanta vergonha de sorrir abertamente.

Trocaram algumas palavras, ao que ela havia respondido a ele com educação, mas não porque de fato quisesse conversar. Quando enfim terminaram a dança, ela desvencilhou-se dele bruscamente e saiu do salão em direção ao jardim.



Lavender descera as escadarias com tanta pressa que imaginou que não chegaria ao fim dos degraus sem tropeçar. Quando chegou ao jardim, sentou-se e deixou-se estar ali, bem longe de qualquer convidado, sentindo sua respiração voltar ao normal. Depois da dança e da percepção de que, de alguma forma, seu avô, o rei Philippe, estivera muito empenhado em fazer com que ela gostasse do tal príncipe Luidiz. Aquilo só poderia significar que tentavam arranjar um compromisso para ela entre reinos amigos.

Lavender, até então, não havia se dado conta de que chegara a uma idade propícia para que dessem sua mão em compromisso, mais cedo ou mais tarde, para algum desconhecido. Mesmo que fosse a um príncipe de algum reino amigo. Ainda assim, para ela, eram completos desconhecidos, e ela ainda não havia pensado na possibilidade de se casar.

Sabia que sua mãe havia se casado com mais de 18 anos, e ela nutria as esperanças de que talvez o avô e o pai não imporiam a ela um compromisso tão cedo. Mas pelo visto ela estava enganada.

Ficou ali por algum tempo, envolta em pensamentos, até que Anali veio à sua procura.

— Achei você, princesa fujona! — disse Anali, ao se aproximar. — Todos lá em cima ficaram estupefatos pela forma com que saiu depois da dança.

Anali não era somente sua criada, mas uma amiga especial. Sempre cuidou dela, tinha a idade de sua mãe, e fora amiga de Filipa por muito tempo, desde que viera trabalhar no castelo. Anali tratava-a como uma filha e estava sempre a postos para ouvi-la e aconselhá-la.

— Eu deveria ter saído do salão muito antes — disse Lavender, percebendo que começava a chorar. — Como pude pensar que me deixariam livre para escolher alguém? Se eu quisesse me casar algum dia...

— Você é livre, meu amor, você sabe que pode ser tudo o que quiser — Anali acariciava os cabelos de Lavender. — Seu avô e sua avó sempre se importaram com o seu bem. Claro que iriam sugerir uma união mais cedo ou mais tarde, mas creio que eles nunca a obrigariam a fazer isso.

— Como pode ter tanta certeza, Ana?

— Eu simplesmente sei, meu amor. — Suas palavras eram como um afago carinhoso. — Seus avós, quando apresentaram Filipa a Leander, fizeram exatamente assim, como foi com você. Mas eles, em nenhum momento, obrigaram ela a gostar do seu pai. Você sabe que éramos grandes amigas, então posso afirmar que ela se encantou por ele desde o primeiro momento, mas havia ficado bastante arredia com a ideia de um compromisso. Você pode imaginar que ela não se deu por vencida desde o primeiro encontro.

— Ainda assim, é diferente… — Lavender secava as lágrimas, enquanto tentava refletir sobre o que teria feito sua mãe aceitar seu pai, se seu avô sempre dizia a ela o quanto era orgulhosa e teimosa. Tão semelhantes.

— Sugiro que volte ao baile, meu amor. Não precisa ficar por muito tempo, apenas diga quando estiver cansada que darei um jeito de tirar você de lá, e então poderá se retirar para seu quarto.

— Promete? — Lavender se levantou com a ajuda da ama.

Ela assentiu com um sorriso de cumplicidade. Lavender sabia que, seja lá o que houvesse, ela sempre estaria lá por ela. Anali a ajudaria a sair de qualquer situação.



A princesa, então, voltou ao salão de baile. Sob olhares curiosos, ela retornou para perto de seus avós e de seu pai, agradecida por eles parecerem entretidos em uma conversa. Deixara-se estar ali por ainda um quarto de hora, e então avistou Anali, que estava próxima à entrada, esperando por algum sinal. Ela gesticulou algumas palavras que Lavender entendeu após algum esforço. Perguntava a ela se gostaria de se retirar naquele momento. Ela apenas confirmou afirmativamente com a cabeça e então Anali se aproximou da rainha e falou-lhe algo ao ouvido, ao que, a rainha olhou prontamente para Lavender com um suspiro de compreensão, permitindo que a neta se retirasse.

Capítulo 3

Quando Anali a deixou em seu quarto, Lavender, já despida do vestido de baile, com seus trajes de dormir e cabelos soltos como de costume, olhava para a noite lá fora, onde ainda via algumas movimentações dos convidados que provavelmente ainda duraria até depois da meia-noite. Ela sentia-se esgotada, mas, ainda assim, um pouco egoísta por ter deixado todos lá embaixo em seu próprio baile. Não havia aproveitado nem metade da noite, pois depois da cerimônia e da dança ela fugiu daquele jeito.

Sabia que no dia seguinte ouviria muitas coisas da parte de seus avós e de seu pai, mas por hora ela estava melhor assim. Não queria pensar em voltar e encarar todas aquelas pessoas que ela mal conhecia, muito menos gostaria de ter que fingir um diálogo com o tal príncipe Luidiz.

Preciso mesmo dar um jeito de fugir, pensava ela. *Mas como posso sair do castelo? Para onde e como vou?* Ela ainda não sabia como, mas sabia que daria um jeito. Como seu avô mesmo gostava de dizer: nunca vira tamanha teimosia e determinação em alguém. Ele amava compará-la à sua mãe, naquele momento tudo o que ela desejava era que realmente fosse metade de tudo o que ela tinha sido. Assim acharia um jeito de escapar daquela situação. *O que a destemida princesa Filipa faria?* Tentava imaginar mil possibilidades.

A noite avançava, e a movimentação aos poucos diminuía. Ela quase havia caído no sono algumas vezes, mas se recompôs. Estava decidida de que não dormiria aquela noite até tomar uma decisão e descobrir uma maneira de fugir.

Começou a colocar alguns pertences em uma pequena bolsa a tiracolo, vestiu-se com o vestido mais simples e de tecido denso que encontrou e colocou um manto com capuz que nunca havia usado. O manto tinha uma cor de azul anil-escuro como o céu à meia-noite. Na verdade, ela nem sabia se um dia usaria aquele traje, se não fosse em uma ocasião como aquela. Talvez ele estivesse esperando por isso.

Ela continuou a olhar constantemente pela janela da varanda, até que teve

certeza de que estava tudo quieto o suficiente. Seu plano era passar pela cozinha, onde colocaria alguns mantimentos na bolsa e sairia pela porta dos fundos, que era usada pelos criados, e onde raramente havia algum guarda por perto. Ela, então, sairia para os estábulos, onde provavelmente o cavalariço não estaria àquela hora. Tentaria fazer com que Encantado deixasse ela montá-lo, e assim partiria.



Quando conseguiu chegar aos estábulos, ao passar entre as baias, alguns cavalos adormecidos emitiram alguns sons. Ela então, chegou à baia de Encantado e, silenciosamente, entrou. O corcel imediatamente relinchou com a presença dela.

— Calma, amigão, sou eu! — disse ela, com a mão já tocando a cabeça dele. — Vamos lá, preciso muito de você agora…

Encantado aos poucos foi se acalmando e enfim se levantou, enquanto inclinava a cabeça, deixando que ela continuasse a acariciá-lo. Ela começou a conversar baixinho, explicando a ele que precisava sair do reino. Com os olhos marejados, ela contou tudo a ele, acreditando de coração que ele realmente a entenderia. Como ele havia ficado o tempo todo quieto, ouvindo-a falar, Lavender sentia que, de alguma forma, o coração do corcel que fora de sua mãe, também a compreendia.

Dali a uma hora, Lavender guiava o corcel com um cuidado silencioso em direção à floresta. Se fosse possível ver do alto do castelo de Beauchene, à luz parda do amanhecer, ao longe se via uma princesa com trajes singelos e com os cabelos cobertos por um manto azul-anil, guiando um corcel branco como a neve, que trotava calmamente. Qualquer um poderia dizer que ela havia passado a vida toda acostumada a guiar cavalos, no entanto, era a primeira vez que o fazia sozinha desde a última vez, quando ainda era bem pequena, com a princesa Filipa a guiá-los.

Capítulo 4

Quando o sol começava a despontar no horizonte, eles já estavam a milhas de distância de Beauchene, adentraram a Floresta Encantada e seguiram caminho por ela. A princesa não tinha um plano de para onde iria, só queria atravessar a floresta até chegar aos arredores do Vale de Glen — era um lugar mágico, segundo acreditavam algumas histórias antigas —, mesmo sem saber se acreditava naquelas lendas, ela achava que seria um bom lugar para passar um tempo longe de Beauchene.

Se ela estivesse certa e não se perdesse dentro da floresta, talvez conseguisse chegar ao Vale no fim do dia. Nunca havia andado por aquela parte da floresta, fora de Beauchene, mas muitas vezes vira em alguns livros que o rei mantinha em sua biblioteca os mapas de Beauchene e os limites para a floresta no caminho para o Vale de Glen.

Ela temia que não conseguissem chegar lá até o anoitecer, então certamente teriam que dormir na floresta. Em alguns momentos ela se perguntava se não seria melhor voltar, mas ao constatar que já estavam cavalgando mais que a metade da manhã e que, com toda certeza, já deveriam ter dado pela falta dela no castelo, deveria fazer valer seu momento de coragem e continuar seu caminho rumo a sua primeira aventura com Encantado. Pensava em seus avós, em seu pai e em Anali, que, a aquela altura, já deviam estar muito preocupados. Mas também pensava que se fosse realmente se casar em breve, tinha que fazer algo de arriscado pelo menos uma vez na vida.

Encantado esteve firme o tempo todo, apenas parando algumas vezes à beira de alguns riachos para beber água e comer um pouco de relva ao redor. Ela aproveitava esses momentos para olhar em volta, respirar fundo e caminhar um pouco enquanto seu fiel amigo se refrescava e descansava…

Ao entardecer, eles ainda estavam dentro da floresta, sem avistar nem uma pequena parte do Vale de Glen. Decidiu que andariam por mais uma milha enquanto procuravam um bom lugar para passar a noite. Olhando ao longo do caminho nos arredores da trilha, tentando encontrar um bom lugar para

improvisar um acampamento, ela se deparou com uma pequena casa de camponeses. *Ótimo! Vamos ver se nos recebem por esta noite.* Pensou ela, feliz.

A casa não era tão pequena, mas por entre as árvores parecia encolhida. Ela conseguira ouvir as águas passarem por um riacho ali perto, devia ser mesmo um ótimo lugar para morar, embora aquela casa parecesse tão solitária naquela parte da Floresta Encantada. O lado bom era que isso só poderia significar que o Vale de Glen estava bem próximo, se já começavam a encontrar casas pelo caminho.

Enquanto libertava Encantado dos arreios para que ele ficasse livre, ela ouviu alguém cantar dentro da casinha. Sorriu consigo mesma por um instante. *Que sorte! Tem uma mulher na casa.* Suspirou, aliviada.

— Olá?! — chamou ela, batendo à porta.

A voz lá dentro havia se calado, mas ainda assim dava para perceber que tinha alguém em casa. Ela era capaz de sentir o calor de uma lareira e o cheiro de ensopado que, considerando a fome que ela estava sentindo, fizera seu estômago roncar mais alto só de sentir o cheiro da comida.

Alguns minutos depois uma mulher jovem e muito bela, com longos cabelos ruivos trançados, abriu a porta. Com o olhar curioso, ela pareceu confusa ao tentar entender *o que uma moça sozinha com um cavalo fazia por ali àquela hora, ao anoitecer?*

— Desculpe incomodar — começou a princesa —, eu estava procurando um lugar aqui perto para acampar por esta noite, mas avistei seu chalé e resolvi procurar abrigo. Estou indo em direção ao Vale de Glen, pensei que chegaria lá antes de anoitecer, mas pelo visto ainda não estou muito perto...



— Princesa Lavender! — exclamou a mulher, surpresa. — Por que está viajando sozinha para tão longe do castelo?

— Então você me reconhece? — a princesa também ficou surpresa.

— Sim, certamente! Sua aparência… Sua semelhança com sua mãe não me deixa dúvida alguma.

A mulher continuou a analisá-la com uma expressão de encanto, como se ela fosse alguém conhecido que não via há muito tempo.

— Que sorte a minha! Digo, a nossa… A minha e de Encantado que é meu cavalo… Digo, ele era da minha mãe, mas teoricamente agora é meu…

A mulher apenas sorriu diante da explicação enrolada da princesa. Em seguida abriu a porta, indicando que ela era bem-vinda.

— Então, parece que terá que passar a noite aqui! Entre, por favor.

— Você conheceu minha mãe? — perguntou a princesa, enquanto era guiada até uma pequena mesa de jantar na cozinha, onde ela se sentiu imediatamente confortável.

— Sim, a conheci quando nós tínhamos mais ou menos a sua idade…

— Então você já morou em Beauchene? Aliás, como você se chama?

A mulher sentou-se na cadeira em frente a ela, e por alguns instantes seu olhar pareceu ficar distante, como se ela lembrasse de algo.

— Me chamo Lyra. Perdão por não ter me apresentado corretamente antes… Eu só… Estava absorta e sem acreditar em tal surpresa…

— *Lyra* parece ser um nome mágico. Qual o significado?

Era estranho, mas Lavender se sentia espontânea na presença dela. Talvez fosse por ela ter mencionado ter conhecido sua mãe. Não sabia se era isso, mas sentia que algo de bom vinha dela.

— Dizem que *Lyra é aquela que acalma com sua melodia.* — Ela exibiu um sorriso radiante, orgulhosa do próprio nome.

— Combina perfeitamente! Eu a ouvi cantar assim que chegamos perto do chalé, e sua voz é mesmo uma voz encantadora. Se estivesse perto do mar, acreditaria que vinha de uma sereia — elogiou a princesa.

— Eu realmente gosto de cantar… Como passo muito tempo sozinha aqui, somente na companhia dos meus gatos e plantas, cantar até me traz alguns visitantes inesperados…

— Como me trouxe? — perguntou a princesa, com um sorriso brincalhão.

Lyra realmente tinha plantas por todos os lados, não só na varanda do lado de fora do chalé, mas dentro da casa, em quase todas as formas. Secas, vivas, em

potes ou vasos... Quanto aos gatos, Lavender tinha percebido um deles ao entrar, era ruivo e havia se esfregando em suas pernas o tempo todo desde que ela sentara na cadeira à mesa. Depois que Lyra mencionou, ela parou para olhar ao redor e viu outros dois, um branco com pintas marrons, e outro totalmente negro.

Em seu íntimo, Lavender já imaginava que Lyra poderia ser uma bruxa. Era tão jovem e bonita, morava sozinha em uma casa na floresta com tantas plantas e gatos. Ela também pensava que podia ser só o estereótipo gritando, mas por algum motivo ela sabia que estava certa. Estranhamente se sentia muito confortável na presença dela, sentia que ela realmente tinha uma alma boa. Uma alma amiga. Algo nela a lembrava de sua própria mãe.



As duas conversaram como antigas conhecidas por horas noite adentro. No jantar, Lyra serviu o ensopado para elas, lembrando-se de ver como Encantado estava acomodado lá fora. Cuidou para que ele tivesse alimento, água e um espaço junto a um pequeno estábulo nos fundos, que parecia confortável para ele passar a noite. Ele relinchou para elas em gratidão, e elas riram como cúmplices.

Depois sentaram-se na varanda, enquanto observavam o céu noturno lindamente iluminado pela luz da lua.

— Qual a história de como você conheceu minha mãe? — insistiu Lavender novamente.— Desculpe perguntar tantas vezes, mas eu realmente lembro-me bem pouco dela, então cada história que me contam sobre ela, é como se me devolvessem uma parte dela…

— Nós tínhamos a mesma idade, eu ainda era uma aprendiz e morava em Beauchene com minha irmã. Então, quando minha irmã foi trabalhar no castelo, eu cuidava da casa e aproveitava para aperfeiçoar minha magia. Sua mãe chegou um dia em nossa casa, chorando muito e decidida a abdicar da coroa porque não queria se casar com alguém que os pais arranjaram para ela…

— Então você tem uma irmã que trabalha no castelo?

— Sim, ela se chama Anali — Lyra respondeu prontamente, num tom de tristeza.

Lyra contou a ela como Anali havia ajudado sua mãe naquela noite, quando ela queria fugir de Beauchene. Contou como a convenceram a voltar

para o castelo na manhã seguinte quando todos os guardas já estavam por todos os lados de Beauchene à procura dela. Filipa tinha ficado impressionada por Anali ter uma irmã bruxa. Era um segredo que as duas carregavam sozinhas, porque temiam que os moradores dos arredores do reino soubessem. Eles certamente prenderiam-nas e provavelmente as mandariam para a fogueira. Anali guardou aquele segredo para proteger a irmã, e Filipa havia jurado também manter o segredo delas em segurança.

Com o passar do tempo, quando Filipa se casou, e Anali precisava constantemente das poções que Lyra preparava para ajudar a amiga com a gravidez complicada, em segredo elas conseguiram manter as poções por mais algum tempo, até a rainha ter começado a desconfiar. A rainha Yanna havia feito inúmeras perguntas para Anali em uma das vezes que ela tinha saído do castelo e voltara com cestas cheias de coisas para Filipa. Com medo do que pudesse acontecer, Lyra se mudou para a floresta. Felizmente, a pequena princesa conseguira nascer e ser a alegria para todos no reino de Beauchene.

Anali passou a morar definitivamente no castelo para ajudar na recuperação de Filipa e cuidar da pequena Lavender. As duas irmãs se viram raramente desde então. No coração de Lyra havia uma mágoa em relação à irmã ter preferido ficar distante, mas havia aceitado o fato de somente ela ter poderes, e porque estava empenhada em aperfeiçoá-los, concluiu que era melhor a solidão de estar distante. Assim estaria também longe dos perigos que uma população fiel e devota à religião de um rei poderiam causar a ela e a sua irmã, sem que ela merecesse. Anali, embora sempre tivesse tido conhecimento dos poderes de Lyra, também havia feito de tudo para protegê-la.

— Então, você ajudou minha mãe… Você… Me ajudou a nascer saudável…

Lavender ficara boquiaberta ao saber de toda a história, e principalmente ao descobrir que Anali tinha uma irmã, uma irmã bruxa que ajudara sua mãe a ficar bem. A ajudara a nascer. Ficou extremamente tocada ao pensar nos tantos anos em que Lyra passou ali, sozinha, sem quase nunca rever a irmã. E, principalmente, na mágoa que ela sentia por esse motivo.

— Alguns anos depois, quando Filipa voltou a engravidar — Lyra continuou. — Ela voltou a me procurar... Cavalgou até aqui neste mesmo cavalo Encantado. Ela estava no início da gravidez. Me contou que ninguém no reino sabia, nem mesmo o médico que havia cuidado dela quando ela dera à luz a você. Ela sabia que o médico a impediria, então recorreu a mim para ajudá-la novamente… Só que, infelizmente, não pude fazer nada por ela da última

vez…

Lyra pareceu abatida ao relembrar daquela parte da história. Olhara com os olhos marejados algumas vezes para Lavender, como em um pedido de desculpas silencioso.

— Você se sente culpada por não ter ajudado ela — concluiu a princesa.

— Muito mais que isso! Não é só que não estivesse ao meu alcance fazer algo por ela, na segunda gravidez como tinha ajudado na primeira. Na verdade, vi desde a primeira vez que ela não poderia dar à luz novamente.

— Você viu? Você viu algo sobre o destino dela?

— Vi, sim. Vejo coisas em sonhos ou prevejo o futuro das pessoas, mas ainda não sabia muito bem lidar com isso na época, como disse, eu era uma aprendiz…

Lavender compreendia o que parecia mexer tão profundamente com Lyra ao contá-la sobre a última vez que ela tinha visto Filipa.

— Parecia que ela estava radiante com esperanças de que eu poderia fazer algo por ela — disse Lyra, depois de algum tempo em silêncio. — Chorei muito na manhã seguinte quando ela voltou para Beauchene. Chorei não só por me sentir incapaz, mas porque deveria ter avisado a ela desde que ela deu à luz a você.

— Todos dizem o quanto minha mãe era teimosa quando estava determinada em algo, ela sabia dos riscos. Mesmo os médicos, que não sabiam que você havia ajudado com as poções, não a aconselhavam a ter outro filho.

A princesa tentava remediar de alguma forma a dor que Lyra sentia. Pensava consigo mesma: *Estou diante de uma mulher magnífica que tem poderes mágicos, que ajudou de alguma forma a me trazer ao mundo. Eu devo muito a ela. Minha mãe também, com certeza, deve ter sido muito grata a ela. Ela é como uma heroína, mas não tem noção nenhuma disso.*

— Mesmo assim, eu gostaria de ter feito mais do que fiz…

— Você fez, acredite, você fez o suficiente! Se não tivesse ajudado, nem eu estaria aqui.

Naquela noite, ao deitar-se para dormir numa cama improvisada no pequeno quarto do chalé de Lyra, Lavender pensava na sorte que tivera, depois

de seu aniversário de 16 anos, ter resolvido fugir pela floresta com Encantado, indo parar justamente na casa de uma das mulheres responsáveis por darem a vida a ela. E aquela sensação de conforto e aconchego que sentira desde o primeiro momento que falou com Lyra? Era como se reconhecesse nela alguém já conhecido. Ela havia pensado também, ao chegar, em como Lyra lembrava-lhe sua própria mãe, mesmo sem ter tantas lembranças dela.

Pensava também em como Encantado parecia reconhecer aquele caminho, ele a guiara até ali sem desviar por um momento. Certamente porque estava destinado a levá-la até Lyra. Talvez sua maior aventura não fosse chegar a Glen, talvez fosse chegar a ela. Se além dos Vales de Glen existiam seres mágicos, ela não saberia dizer, mas certamente estava ali, ao lado dela, uma heroína, uma mulher forte e com poderes mágicos, que, ainda assim, carregava tanta dor. Sozinha. Tudo o que ela sabia era que daquele dia em diante ela seria para Lyra uma grande amiga. Lyra precisava dela, e ela estaria lá por ela, como ela havia estado por sua mãe.

Capítulo 5

Na manhã seguinte, Lavender levantou-se ao raiar do dia quando Lyra já havia preparado café para que ela estivesse bem alimentada antes de prosseguir rumo ao Vale de Glen. Estava contando a ela sobre como dormira extremamente bem, mesmo na cama improvisada e mesmo com as dores que achava que sentiria por ter cavalgado durante todo o dia anterior. Só podia ser magia de Lyra! Pensou ela.

Não demorou muito para que ouvissem uma movimentação de cavalos lá fora. Encantado relinchava em reconhecimento dos outros cavalos que se aproximavam do chalé. O coração dela disparou com o pressentimento de que só poderiam ser os guardas de Beauchene em busca dela. Lyra levantou-se num salto e foi em direção à janela que dava para ver a entrada da clareira.

— Como imaginava, são os guardas! — informou Lyra, com aflição. — Eles nunca a deixariam escapar desta forma, você deveria saber.

Lavender estava trêmula, por algum motivo ela já imaginava que não conseguiria ir a Glen sem que eles a alcançassem. No entanto, agora que estava ali, que tinha estado com Lyra, depois de ter descoberto a história dela com relação à sua mãe e Anali, sentia que sua pequena aventura já tinha sido válida. Só por estar ali com ela naquele momento.

Se seu coração estava aflito naquele momento, era por Lyra, por estar preocupada sobre eles terem chegado a ela. Se a acusariam de algo ou a levariam ao rei de volta a Beauchene, se descobrissem que ela era uma bruxa, seria tudo por sua culpa.

— Lyra, eu sinto muito, de verdade — Lavender se apressou rumo à porta —, não era minha intenção que eles chegassem a você… Preciso sair depressa, vou até eles e volto para Beauchene, não precisa sair da casa…

— Mas e o Vale de Glen?

— Não tem grande importância agora. Eu sinto que, por algum motivo, eu deveria chegar até você — disse Lavender, enquanto se despedia com um rápido

abraço.— Mas, prometo que voltarei a visitar você em breve… Tomarei cuidado…

Lyra assentiu com sincero agradecimento. Ela realmente queria que a princesa voltasse a visitá-la.

— Um momento — Lyra foi rapidamente até a bancada da cozinha, onde pegou um pequeno frasco e o entregou a Lavender antes que ela saísse porta afora. — Tome, é um pequeno presente que a ajudará da próxima vez que sair de Beauchene. Use esta loção como se fosse um perfume, ela fará com que qualquer um que tente segui-la, se perca pelo caminho.

— Mesmo com as pegadas de Encantado pela trilha da floresta?

— Sim, de qualquer forma eles serão atrapalhados pelo cheiro.

Lavender guardou a loção na bolsa que havia levado consigo com os mantimentos, despediu-se novamente e saiu do chalé. Ficara apavorada por ver seu pai em frente à porta da casa de Lyra com Encantado ao lado. Leander olhava com curiosidade para os arredores da casa.

— Por que tenho a sensação de que já estive neste lugar? — o príncipe encarava a filha, preocupado.

— Papai? Veio me procurar… — Lavender havia imaginado que os guardas estariam à sua procura, mas não imaginava que seu próprio pai estava à frente deles.

— Quando sua filha foge durante a noite de seu aniversário, não resta outra alternativa — respondera-lhe ele.

— Desculpe. Eu não pensei muito, apenas agi por impulso. Queria chegar ao Vale de Glen, mas ao anoitecer, como não estava perto, encontrei este chalé em que camponeses me receberam por terem me reconhecido — disse ela, alterando levemente a identidade para proteger sua nova amiga.

— Vamos! Suba no cavalo, enquanto falo com estes camponeses — ele se aproximou um pouco mais da porta do chalé.

— Oh! Não, papai, não estão mais em casa, saíram bem cedo, ao raiar do dia, fiquei para tomar o café da manhã antes de seguir caminho para Glen, assim como era meu plano — ela exalou baixinho, o coração palpitando rapidamente.

— Certo! Mandaremos então alguns empregados com mantimento para eles em agradecimento — Leander concordou por fim.

— Eles foram realmente muito gentis e hospitaleiros comigo…

Lavender acompanhou seu pai rumo ao início da trilha, onde um dos

guardas, já com Encantado preparado para retomar a viagem de volta para Beauchene, entregara-lhe os arreios para que ela montasse.

Ela olhou mais uma vez em direção à janela de Lyra, onde viu sua silhueta por trás da cortina. Lyra acenou mais uma vez para a princesa de Beauchene. Lavender não podia acenar de volta, mas sabia que Lyra a compreenderia.



De volta a Beauchene, Lavender deixara Encantado sob os cuidados do cavalariço em sua baia.

— Obrigada por me guiar até ela, meu querido amigo! — disse, beijando o focinho e acariciando o torso do corcel.

Encantado retribuiu-lhe o afago com um relincho alegre.

Ao entrar no castelo novamente, Lavender sentira-se estranhamente deslocada, teve a sensação de que tinha viajado por dias, mas há apenas 24 horas antes estava saindo dali escondida. Algo havia mudado nela depois de ter conhecido Lyra.

A rainha Yanna e o rei Philippe a esperavam na sala principal. Anali correu para abraçá-la assim que a avistou.

— Minha menina! Que perigo! Não faça mais isso conosco! — Anali beijava-lhe o rosto entre suspiros de alívio.

— Estou bem, Ana! Foi uma aventura digna, valeu a pena — sorriu para tranquilizar a ama.

Lavender andou em direção aos avós, ainda com algum ressentimento, embora estivesse também feliz por revê-los.

— Então, foi uma aventura digna de escrever nos livros? — quis saber o rei, abraçando a neta.

— Pode apostar que sim, vovô!

A rainha também abraçou a princesa, ainda aflita, passando freneticamente as mãos pelos cabelos dela.

— Oh, minha criança! Por que tinha que sair exatamente como a cópia de sua mãe? — ralhou.

— Desculpe, vovó, deve estar em meu sangue. Eu não poderia evitar, mesmo que me esforçasse muito…

Ao subir para seu quarto, Lavender pudera enfim ficar sozinha e conversar com Anali sobre Lyra, enquanto a ama lhe preparava o banho.

Contou a ela cada detalhe de toda a história que soubera por Lyra. Contou sobre a tristeza que sentiu nas palavras dela, sobre o quanto Lyra sentira-se tão culpada todos aqueles anos por não ter sido capaz de ajudar Filipa…

Anali confirmava cada detalhe da história, triste por estar há tanto tempo sem rever Lyra, ainda que fosse para protegê-la.

— Imagino que ela esteja ainda mais magoada do que tenta demonstrar. Ela é assim, tenta não demonstrar o quanto se ressente — disse Anali.

— Para mim ela pareceu se abrir honestamente quanto a tudo o que conversamos. Eu gostaria de revê-la em breve. Por que não vem comigo?

— Oh, não minha querida! Por favor, fique em Beauchene, não se arrisque novamente — preocupou-se a ama. — Não falo somente por você, porque sei que tirou de letra toda essa aventura, mas falo também por Lyra. Não demoraria muito para que o rei e o príncipe a descobrissem.

— Quanto a isso, não precisa se preocupar, Ana. Lyra me deu uma ajudinha especial para quando eu voltar — disse a princesa, tirando o frasquinho da loção de um tom de roxo de dentro da bolsa, mostrando-o a Anali.

— Uma poção! Isso a ajudará a chegar lá sem que os guardas a sigam?

— Ela me disse que posso usá-la como um perfume quando decidir ir até lá outra vez. Assim, mesmo que me sigam, eles ficarão confusos e perdidos pelo caminho.

Anali sabia o quanto devia ser importante para Lyra que a princesa voltasse a ela, pois havia dado a ela uma poção que a ajudaria a retornar. No fundo, Anali sabia que era como uma forma de reparação, como se Lyra sentisse que poderia fazer algo por Lavender que não tinha feito por Filipa. Embora Anali soubesse, mais do que qualquer um, o quanto sua irmã havia feito por ela.

Mas se fosse pelo bem das duas, ela estava mais do que disposta a se arriscar novamente, e da outra vez, ajudar sua amada princesa Lavender. Se Lavender sentia que deveria rever Lyra, ela a veria.

Capítulo 6

No mês que se seguiu pouco se falou sobre a noite do baile. Percebendo que a resistência e rebeldia da neta em relação ao compromisso provavelmente tinham sido o motivo da fuga, o rei evitara falar com a princesa sobre o ocorrido, tampouco a rainha havia tentado.

Embora uma comitiva vinda do Reino da Bretanha com o príncipe Luidiz e o rei Alfred — dessa vez juntamente com a esposa, a rainha Grace — se aproximasse para passar uma temporada em Beauchene.

Continuaram a evitar o assunto quando Lavender estava por perto. A visita para a temporada foi combinada por cartas entre os reis, ainda antes da ocasião do baile do aniversário de Lavender. Após o ocorrido, o rei Philippe achou que fosse digno manter o combinado, mesmo que estivesse decidido a não insistir para que a neta firmasse um compromisso com o príncipe Luidiz.

Era início do mês de junho, o verão dava as caras com sua magnificência, o reino inteiro costumava comemorar o verão com festivais que aconteciam na vila principal do reino de Beauchene e, às vezes, até mesmo no castelo. A época do ano seria perfeita para receber os convidados em Beauchene, pois era mais do que certo que eles teriam bastante entretenimento durante todo o mês de estadia.

Quando a princesa soube da vinda da Família Real da Bretanha para passarem algumas semanas em Beauchene, inicialmente ficara preocupada que houvesse insistência de seus avós para que ela concordasse em firmar aquele compromisso com o príncipe Luidiz, até que, em uma manhã depois de uma noite mal dormida, ela decidiu que, embora seus avós não tivessem mais tocado no assunto desde a volta dela de sua pequena aventura, ela deveria ir até o rei Philippe para que conversassem a respeito.

Lavender entrara lentamente na sala do rei, ainda decidindo como começaria aquela conversa. Ela sempre tivera uma relação boa com seu avô, sempre tinham sido bons amigos e gostavam de compartilhar suas histórias, principalmente depois que liam os mesmos livros. Ainda assim, sobre assuntos do reino e sobre compromissos reais, ela não sabia como reagir se tivesse que

confrontá-lo. Na verdade, nunca imaginara ter que confrontar seu avô ou até mesmo seu pai. Pelo menos não até o dia da fuga.

— Vovô? Tem um minuto para conversar? — ela falou baixinho ao se aproximar de onde ele estava sentado em frente a uma mesa abarrotada de papéis que pareciam obter toda a sua atenção.

— Claro, minha filha! Sente-se — ele deixou os papéis de lado por um instante e indicou para que ela se sentasse na cadeira vazia em frente a dele.

— Sobre o compromisso com o príncipe Luidiz… — ela começou, hesitante.

— Eu imaginava que chegaria o momento em que quisesse conversar sobre essa questão, minha filha. Mas queria que você mesma tomasse a iniciativa. Quero que saiba que, quanto à família de meu amigo, o rei Alfred da Bretanha, realmente seria do meu agrado uma união entre nossos reinos — confessou o rei. — Por outro lado, embora tenha concordado em apresentá-la a Luidiz, nunca tive a intenção de obrigá-la a assumir esse compromisso. Você é livre para escolher, assim como deixei sua mãe livre para escolher, ou não escolher, Leander.

— Obrigada pelas palavras, vovô! Anali me contou que minha mãe havia ficado realmente muito brava depois de ser apresentada a meu pai…

— Exatamente como você!

Os dois trocaram um sorriso de cumplicidade, enquanto o olhar do rei se perdia em pensamentos, certamente lembrando-se novamente da filha. Constantemente ele sentia a falta de Filipa, embora a presença de Lavender conseguisse remediar boa parte daquela saudade que era sempre constante.

— Ela também fugiu de casa no dia seguinte — disse o rei.

— A diferença é que eu fugi na madrugada — completou a princesa com um sorriso travesso. — Acho que fui um pouco mais ansiosa que ela.

— Eu não esperaria menos, minha filha. Realmente estava me preparando para a pior reação vinda de você.

Lavender levantou-se e foi até a cadeira em que o avô estava e o abraçou. Havia um perdão implícito naquele gesto. O rei acolheu o abraço da neta com alívio e abençoou-a antes que ela saísse da sala dele dando pulinhos de alegria. O que o fez suspirar, aliviado.



— Ana, o que acha desse príncipe Luidiz? — Lavender conversava com a ama enquanto ela organizava os vestidos recém-chegados da costureira naquela manhã.

A Família Real da Bretanha estava em Beauchene havia uma semana, e a princesa tinha feito de tudo para evitar estar sozinha na companhia dele. Até então, conversavam apenas quando estavam todos reunidos à mesa ou quando eles sem querer iam em direção ao mesmo lugar do castelo.

Luidiz era sempre cordial e a cumprimentava todas as vezes. Ele já havia notado que ela mudava o caminho sempre que ele se aproximava, e que, algumas vezes, quando o encontrava sem querer na biblioteca, ela saia apressadamente.

Ele procurava entender os motivos que ela teria para odiá-lo tanto, compreendia que ela o estivesse evitando por medo do compromisso que os reis queriam firmar entre eles. Ele mesmo não era a favor de um compromisso daquele jeito, mas às vezes gostaria de conversar com ela sem que ela parecesse estar sempre fugindo dele.

O príncipe era um jovem tímido e de poucos amigos, mas que prezava imensamente pelas poucas amizades que tinha. Ela era alguns anos mais nova que ele, no entanto, ele imaginava que teriam muitos assuntos em comum se conversassem. A começar por aqueles livros que ela pegava na biblioteca todos os dias, que, com curiosidade, ele observara ela pegar cada um deles. Ele sabia que ela os havia relido diversas vezes, pensava constantemente em como queria ter a chance de conversar com ela sobre cada um deles.

— Acho que ele é um bom rapaz — respondeu Anali. — Sempre muito educado, até mesmo com os criados. E gosta bastante de ir à biblioteca.

— Uff! Nem me fale nisso, Ana! A biblioteca era um dos meus lugares favoritos no castelo, agora sempre tenho que entrar rapidamente para pegar algo e sair — disse a princesa, exasperada.

— Deveria dar uma chance a ele… — aconselhou a ama. — Quero dizer, uma chance de conversar ao menos como amigo, afinal ele e a família estarão aqui o mês inteiro.

— Eu nunca quis tanto que um mês passasse tão depressa.

No fundo Lavender sabia que Luidiz era uma boa pessoa. *Talvez eu só queira evitá-lo por ser contrária ao tal compromisso,* admitia ela para si mesma

em pensamentos.

Quando ela estava na baia com Encantado em uma das tardes depois que eles chegaram a Beauchene, ela viu Luidiz chegar na companhia do príncipe Leander. Ele falava calmamente, com o tom de voz baixo, e confirmava positivamente quase tudo o que Leander perguntava a ele, sem ser contrário a nada.

Depois que Leander saiu dos estábulos, ele ficou lá ainda por algum tempo cuidando de Zion, seu cavalo. Zion era um belíssimo garanhão negro, que por sinal, ao contrário de Encantado, era bem manso com quase todos, apesar da aparência de malvado.

Ela então se aproximou em silêncio, era quase fim de tarde e ele estava com uma escova, cuidando de Zion com as próprias mãos.

— Como foi a cavalgada hoje? Vocês foram até a vila? — ela começou.

Luidiz pigarreou, surpreso pela aproximação repentina dela.

— Foi tranquilo! Acertamos alguns detalhes para o festival do fim de semana — ele deixou a escova de lado e aproximou-se dela. — Você raramente vai até a vila, eu imagino. Irá para o festival?

— Às vezes eu vou com Anali, todos os anos ela consegue me arrastar um dia pelo menos. Mas eu geralmente não vou tanto à vila quanto gostaria — disse, com certa tristeza. — Não que eu não goste da vila, na verdade eu amo.

— Então, por que não vai mais vezes?

— É que… Sinto que gostaria que não me vissem como alguém que eles tivessem que prestar reverências. Às vezes, fantasio que estou em uma aventura, disfarçada, e que me tratam como uma pessoa normal, como se eu não fosse uma princesa… Entende?

Ele pensou naquilo por um momento antes de responder.

— Eu acho que entendo esse sentimento. Você queria ter a mesma sensação que eu quero ter em relação aos amigos que tenho na Bretanha.

— Como assim? Você sente que eles não são verdadeiros?

— Talvez até sejam, mas em muitos momentos já me peguei questionando se continuariam a ser, se eu não fosse o príncipe…

Os dois ficaram mais algum tempo ali, envoltos no silêncio do início daquela noite de verão, com o rufar e relinchar dos cavalos por perto, os grilos anunciando o anoitecer, e as nuvens no céu que, aos poucos, deixavam o tom alaranjado para se tornarem em azul. Quando voltaram para o castelo, a lua já

estava bem aparente e as estrelas brilhavam intensamente sob o azul-escuro do céu noturno. A primeira vez em que eles realmente conversaram.

Luidiz sentira-se extremamente feliz pela iniciativa que ela tomou em conversar com ele, dando abertura para que, pelo menos pudessem construir uma amizade durante o mês que ele estaria em Beauchene.

Lavender também sentira em si uma empolgação que não sentia desde a conversa com Lyra na noite da fuga. *Anali estava certa, ele merecia uma chance de ser pelo menos um amigo. Tinham os mesmos sentimentos e ressentimentos em relação às suas famílias e a forma que sempre duvidaram de que as pessoas eram cordiais com eles por serem da realeza. Os dois não teriam esse problema, já que não estariam bajulando um ao outro em troca de nenhum favor ou reconhecimento.*

Capítulo 7

Na noite do festival, Lavender decidiu que aproveitaria a distração de todos, especialmente dos guardas, e voltaria a visitar Lyra, já que havia mais de um mês que ela tinha voltado da primeira vez que a encontrara na Floresta Encantada. Não que não tivesse passado dias planejando como e quando voltaria, tinha a loção para ajudá-la, mas mesmo assim ficara extremamente preocupada de não conseguir ir e voltar sem ser notada.

Então a noite do festival seria perfeita, e dessa vez ela teria a ajuda de Anali, já que geralmente só ia ao festival por insistência da ama.

Tinham conversado sobre como fariam para que não fossem notadas. Elas iriam para a vila, mas voltariam mais cedo, assim Lavender iria até os estábulos buscar Encantado e seguiria o caminho da trilha da floresta agora já conhecida. Anali não iria com ela, decidiu que ficaria acordada até que os outros chegassem para informar que a princesa já tinha se recolhido para dormir, assim não desconfiariam.

Durante o dia seguinte, que geralmente seria o tempo que ela levaria cavalgando até a parte na Floresta Encantada em que Lyra morava, Anali cuidaria para que levassem as refeições ao quarto e informaria a todos que a princesa sentia-se indisposta e preferia comer no quarto. Desta forma, elas teriam mais algum tempo para que Lavender retornasse na próxima noite e estivesse de volta a Beauchene ao anoitecer do dia seguinte.

— Confesso que estou extremamente ansiosa por ter concordado em ajudá-la nisto — disse Anali, enquanto as duas desciam da carruagem ao chegarem à Vila de Beauchene para a noite do festival.

— Você se preocupa demais, Ana. Vai dar tudo certo! — Lavender tentava confortá-la de que estaria segura.

A visão do festival de Saint Jean era realmente magnífica. Os moradores da vila costumavam organizar o festival todos os anos no mês de junho, em comemoração ao verão e em agradecimento pelas colheitas.

Todos os anos, Lavender ainda ficava maravilhada ao chegar ao festival como se fosse a primeira vez. A Vila era toda ornamentada com papéis de seda coloridos, havia também bandeiras com o símbolo de Beauchene por toda parte. As frentes das casas principais tornaram-se pequenas bancas de comidas típicas, e o espaço aberto principal, no meio da vila, em frente a uma belíssima igreja, eram dispostos assentos para que todos se acomodassem para apreciar as apresentações da noite. Eram apresentadas danças e encenações enquanto a Família Real sentava-se na primeira fileira em assentos especiais, cuidadosamente reservados para eles.

Todos se vestiam com trajes alegres e coloridos, e ao fim da noite haviam os balões com pequenas chamas que eram lançados ao céu. Cada pessoa presente lançava o seu balão aos céus com um pedido especial a Saint Jean, era a tradição mais importante para todos em Beauchene. As luzes dos balões com as pequenas chamas que flutuavam no céu, um atrás do outro, eram levados pela noite até sumirem como centenas de estrelas. Eram ainda mais belos que os fogos de artifício.

Naquele ano ela não ficaria para a parte que mais amava. Seria por um bom motivo, dizia ela para si mesma.

Quando assumiram seus lugares na primeira fila dos assentos especiais próximos ao palco, Lavender não deixou de notar que a Família Real da Bretanha estava especialmente animada para o espetáculo. Luidiz olhou para ela ao chegar, a cumprimentou e sentou-se ao lado dela.

Eles tinham melhorado bastante a comunicação naqueles dias após a primeira conversa de verdade que tiveram nos estábulos ao anoitecer. Todos os dias, no decorrer daquela semana, ele a esperava para que fossem juntos até os estábulos cuidar de Encantado e Zion, enquanto conversavam. Desde então ela se sentia muito mais à vontade perto dele.

Nos momentos em que o encontrou na biblioteca, ela pegou um livro em silêncio e sentou-se em um canto, mesmo que não tão próxima, sem querer perturbá-lo. Ele a cumprimentava com aquele sorriso polido que já era familiar, e então voltava a atenção para o livro.

Naquele fim de tarde eles não haviam ido aos estábulos, visto que estavam todos muito envolvidos em ficarem prontos para o festival.

— A noite está especialmente bela, não acha? — sussurrou Luidiz, se inclinando levemente para que ela pudesse ouvi-lo.

— Eu concordo — Lavender devolveu o sussuro. — Se morasse em Beauchene, aposto que você não perderia o festival em nenhum ano.

— Creio que isso seja um convite — disse ele, divertindo-se.

— Bem, serão sempre bem-vindos, caso queiram voltar.

Ela sorriu para ele, dando-se conta de que era uma sugestão sincera. Realmente adoraria que eles voltassem para visitar Beauchene no próximo verão. Percebia lentamente que gostava da companhia de Luidiz e que realmente começara a ver nele alguém indispensável.

— Vamos, levante-se! — ela saiu caminhando em direção às casinhas, onde os moradores serviam as comidas típicas do reino.

Luidiz a seguiu, se perguntando se deveria, pois estavam no meio da apresentação de um grupo de crianças muito talentosas que interpretavam uma bela canção.

— Você não se importa em sair assim no meio das apresentações? — ele reclamou, uma expressão engraçada se formando em seu semblante.

— Bom, haverá mais apresentações e estou morrendo de fome — ela pôs uma mão sobre a barriga, dando ênfase. — Além do mais, não consigo ignorar o cheiro bom que vem de toda essa comida…

Ele a acompanhou por algumas casinhas, onde provaram muitos doces de diferentes sabores, pratos com batatas e peixes, bolos feitos de arroz e milho e bebidas feitas de uvas. Quando provaram o suficiente, sentaram-se em um canto mais afastado do palco e ficaram a observar as apresentações de longe.

— Estou feliz que tenha decidido falar comigo — Luidiz falou de repente.

— Eu também estou — ela respondeu com amabilidade.

Tornaram a ficar em silêncio, e ela deixou-se recostar a cabeça no ombro dele por um tempo, enquanto pensava em como seria dali em diante. Se eles iriam construir uma relação de amizade ou se acabariam realmente gostando um do outro para se comprometerem a um casamento.

Ela sentia-se bem na companhia dele, percebia que ele sempre a olhava com uma espécie de encanto. Ela não sabia dizer se isso significava que ele era a favor do compromisso que os reis queriam impor a eles ou se era apenas o jeito dele ser quando se aproximava o suficiente de alguém.

— Você mudou de ideia em relação ao… — ele voltou a falar, como se lesse os pensamentos dela.

— Casamento? — ela completou, endireitando-se para que ficasse de frente para ele.

— Sim, ao casamento. Sei que nossa aproximação não significa que você

esteja de acordo, mas não posso deixar de me perguntar isso o tempo todo…

Ela não sabia ao certo o que dizer, ela mesma se perguntara muitas vezes nos dias que se passaram desde a aproximação deles. Não sabia o que aconteceria, mas admitiu para si mesma que queria que continuassem.

— Não sei dizer… — ela escolhia as palavras. — Casamento é algo que ainda me assusta ouvir sobre ou dizer a palavra em voz alta, mas…

— Não precisa responder ainda, eu a entendo de verdade. — Luidiz pôs uma mão sobre a dela, ainda que incerto do que ela faria em seguida. Mas ela aceitou o gesto dele com um afago em retribuição.

Ficaram daquele jeito por um bom tempo, sem nada dizer, sentindo o conforto do calor das mãos um do outro. Estavam ainda olhando para as apresentações ao longe, mas internamente com os corações saltitantes por causa daquele primeiro contato consentido de carinho entre eles.



Quando Anali fez um gesto para que Lavender entendesse que já era hora de colocarem o plano em ação, ela levantou-se do lado dele rapidamente, e relutante, explicou a ele que precisava ir com Anali. Ele, ainda sem entender o porquê, ficou extremamente confuso com a saída repentina dela.

— Como assim? Vão para o palácio? Mas não irão ficar para o final… Os balões… E os desejos?

Ela não sabia como explicar e tampouco queria mentir para ele, então apenas decidiu que o deixaria sem explicações, pelo menos por enquanto.

— Eu e Ana… Nós combinamos que voltaríamos cedo, é difícil explicar agora, mas prometo que explico depois. — Então soltou a mão dele com um aperto, relutante.

Luidiz ficou lá, parado no mesmo lugar por algum tempo, vendo-a correr em direção a Anali e depois voltarem para a carruagem que as levariam de volta ao castelo. Os reis e as rainhas de Beauchene e da Bretanha, ainda muito entretidos, mal notaram que eles dois estiveram juntos grande parte da noite, muito menos que a princesa havia fugido antes que a noite acabasse. Tal qual Cinderela, deixando seu príncipe de mãos abanando enquanto fugia antes da meia-noite.

Capítulo 8

Ao chegarem ao castelo, Anali deu a ela a bolsa com alguns mantimentos, a capa com o capuz que ela usara da outra vez e, claro, a poção que ela deveria usar antes de seguir viagem novamente.

—Tome cuidado, princesa! — pediu Anali, aflita.

— Sabe que tomarei, Ana...

Quando ela foi buscar Encantado no estábulo, ele já estava pronto, com os arreios e a cela colocados. Por sorte, a maioria dos empregados estavam também para o festival na vila, salvo alguns que, distraídos, guardavam o castelo e nem sequer notaram que Anali havia chegado com a princesa. Eles a cumprimentaram quando ela entrou no castelo, mas sem nada desconfiar.



Já distante de Beauchene, pela floresta na escuridão da noite, ela contava com o reconhecimento de Encantado para que seguissem a trilha sem que se perdessem ou tivessem imprevistos. Estava acelerada pelo nervosismo e pelo medo de que algo não desse certo daquela vez, mas depois de passarem por uma boa parte da floresta, ela começou a se acalmar. Encantado trotava com segurança e isso dera muito mais confiança a ela. *Somos só eu, você e a noite escura, meu amigo!* Sussurrava ela, baixinho.

Ao amanhecer, eles chegaram à clareira onde ficava o chalé de Lyra. Estava tudo quieto e ainda meio escuro. Uma névoa fina ainda cobria a relva da trilha próxima à casa, e ela enfim suspirou, aliviada, ao descer do cavalo. Ao mesmo tempo que tinha, desta vez, o reconhecimento e a alegria de voltar a ver o pequeno chalé no meio da floresta, que agora possuía ares de lar.

Lyra foi recebê-la antes mesmo dela descer do cavalo, provavelmente já sabia que ela viria. Depois da alegria com que recebeu a princesa com

cumprimentos e um abraço caloroso, entraram no chalé, onde um chá quente já as esperava, com acompanhamentos de bolos de frutas, o que fizera com que a princesa inspirasse profundamente aquele cheiro delicioso.

— Como sabia que eu viria? — perguntou, enquanto se servia de um pedaço de bolo.

— Eu havia pressentido que seria a oportunidade perfeita, a noite do festival de Saint Jean.

— Usou a loção ao deixar o castelo? — Lyra perguntou.

— Sim, eu a usei. Talvez tenha exagerado, já que o frasco está quase seco agora — confessou Lavender.

— Não tem problema, eu já imaginava que isso aconteceria, então já preparei outra.

Quando acabaram o café da manhã, Lyra propôs que fossem caminhar no bosque nos arredores do chalé. De prontidão a princesa aceitou.

Enquanto andavam, passaram por um pequeno riacho e se demoraram ali, Lyra estava com a cesta ainda vazia. Ela costumava sair todas as manhãs para colher alguns frutos e ervas silvestres. *Era uma caminhada revigorante*, pensara Lavender. *Todas as manhãs, ter aquela vista e toda a flora ao redor, era como uma dádiva. Mas ao mesmo tempo, talvez em alguns dias também fosse solitário.*

— Às vezes você sente solidão por estar nesta parte da floresta sozinha? — começou a princesa. — Digo… Sem companhias humanas… Sei que tem os animais que são ótimas companhias...

Lyra demorou um pouco mais para responder, então olhou fixamente para a água do riacho e suspirou antes de responder.

— Bem, sim, sinto falta de companhia, mas não de qualquer ser humano… Sinto falta da minha família, da minha irmã principalmente…

— Anali finalmente me falou sobre você. Ela também sente sua falta, mas evita vir até aqui para protegê-la.

— Houve uma época em que pensei que realmente fosse esse o motivo — Lyra falou com uma mágoa perceptível. — Depois de tantos anos, e depois de sua mãe vir até mim algumas vezes, e agora você… Eu não teria problemas em dar uma poção a ela, como dei a você, se ela assim quisesse…

— Então acha que Anali não a visita por outro motivo?

Lyra apenas confirmou com um aceno afirmativo. Estava claro que ela não

queria mais falar sobre o assunto, então Lavender não insistiu.

No fundo, ela já havia refletido sobre aquilo. Anali não quisera vir com ela, mesmo que a poção fosse o suficiente para as duas. Claro que no castelo notariam a falta das duas e seria mais difícil encobri-la, mas, ainda assim, talvez ela mesma pudesse ter pedido para vir ver Lyra em seu lugar. E ela não o fez. Sentia que havia algo bem maior do que mágoas ou ressentimentos entre as duas. Queria ajudar se pudesse, mas não tinha ideia dos motivos de Anali. Mesmo que agora estivesse próxima de Lyra, ainda assim sabia que ela não se abriria totalmente.

Depois de colherem as ervas silvestres e alguns frutos, elas voltaram para o chalé. Encantado estava ali perto, pastando alegremente, elas deram alguns dos frutos para ele ao se aproximarem, ele deixou-se acariciar por Lyra, e por um momento, Lavender ficara impressionada, pois ele não era dócil com ninguém além dela. Era realmente incrível ele ser dócil também com Lyra.

— É impressionante como ele a deixa tocar nele — disse Lavender.

— Sim, Filipa também dizia que ele só era dócil com ela. Mas de certa forma, como ele a trazia até aqui, talvez tenha se habituado.

Lavender pensou naquilo e chegou à conclusão de que era mais do que aquilo. Não era apenas o reconhecimento de alguém que muito tivesse convivido com ele, se fosse assim, ele deixaria os outros se aproximarem o suficiente, os cavalariços e até mesmo seu pai havia tentado muitas vezes. *Deve ser uma espécie de encanto!* Ela quis acreditar.

Quando a noite se aproximava, depois de ter passado o dia ajudando Lyra com o preparo das ervas, a princesa sentia-se revigorada. Deveria sentir-se cansada pela viagem a cavalo da noite anterior, mas estava tão feliz de estar na companhia dela, que mal havia notado o dia passar tão depressa.

Antes de dormir, ao preparar a cama improvisada para Lavender, Lyra trouxera uma pequena caixa de madeira com detalhes entalhados. Era tão graciosa que mais parecia um souvenir.

A caixinha tinha o aspecto de algo antigo e precioso. Lyra entregou a ela e esperou que ela abrisse.

— Um porta-jóias… É lindo! É mesmo para mim?

A princesa ficou encantada com a delicadeza da caixinha.

— Abra! — incentivou Lyra.

Quando Lavender abriu, se deparou com um colar em forma de amuleto. Era uma pedra roxa bruta transformada em um colar para ser usada como amuleto.

Ela se demorou por algum tempo com a pedra nas mãos, antes de voltar a falar.

— Como se chama esta pedra? Ela tem um significado, certamente…

— É uma Ametista, significa serenidade e confiança. Ela limpa as energias e acalma, e também nos ajuda a conectar com nosso lado espiritual e divino.

Lavender ficou realmente tocada pelo presente, tanto por perceber que Lyra dera a ela com a intenção de protegê-la. Lyra se importara de dar a ela algo que a ligasse com seu lado espiritual. A princesa não deixou de notar as semelhanças com suas lavandas, que também significavam serenidade, a acalmavam e tinham a mesma cor.

Naqueles pequenos detalhes maravilhosos, a cada nova percepção, a deixavam ainda mais certa da ligação que ela mesma tinha com a magia envolta em Lyra.

Talvez por esse motivo ela se sentira tão bem perto dela desde o primeiro instante.

— Quero que fique com ela e que a use sempre que possível — pediu Lyra.— Ela a ajudará a se conectar com o que quer que sinta precisar encontrar a resposta dentro de si.

— Eu a usarei — prometeu a princesa.

Capítulo 9

Depois que voltara para Beauchene, a princesa, sem ser notada, passou mais um dia sem descer para as refeições com os demais, aproveitando para descansar da cavalgada das duas noites de ida e volta da Floresta Encantada.

Ela usava o amuleto que Lyra dera a ela, tinha conseguido fazer com que ele ficasse quase imperceptível envolto no decote do vestido. Ficava maravilhada cada vez que voltava da floresta, tinha uma sensação crescente no peito de dever cumprido que ela não sabia explicar.

Quando finalmente encontrou Luidiz na manhã seguinte ao descer para a biblioteca, ele parecia esperar que ela esclarecesse algo sobre a noite do festival.

— Esteve muito mal depois que voltou do festival naquela noite? Não a vejo há três dias — começou ele. Seus olhos expressavam uma mistura de preocupação e dúvida.

— Bem… Eu só estava indisposta…

A princesa tentou desconversar e mudar de assunto, não queria mentir para ele, porque agora que tinham começado a se darem bem e ela sentia confiança nele, se mentisse seria como estar traindo a si mesma. Tampouco sentia que podia se abrir a respeito de Lyra com ele, apesar da confiança que vinham construindo.

— Encantado também não estava nos estábulos esses dois dias que se passaram… O que é bastante curioso… — insistiu o príncipe.

— Oh, bem… — ela hesitou. — Acho que não pensei nesse detalhe.

— Não mesmo! — ele a encarava com um sorriso travesso se formando, enquanto ela corava ao tentar desviar o olhar para o livro que tinha em mãos. — Se não quiser falar sobre, não precisa. Só quero que saiba que notei que não esteve no castelo desde aquela noite.

— Obrigada por não me dedurar — trocaram olhares condescendentes.

— Seu segredo está seguro. O que quer que seja o que você estiver guardando, deve ser importante, então…

Lavender suspirou aliviada, o que fez o príncipe sorrir novamente ao notar o quanto ela tivera medo de que ele insistisse para que ela contasse onde estivera. Luidiz não pôde deixar de notar a mão que inconscientemente ela levara ao peito, ela envolvia um colar de pedra roxa que até a noite do festival de Saint Jean nunca havia usado. Pelo menos não desde que ele estava em Beauchene.



Algumas semanas haviam se passado, quando Luidiz, após voltar dos estábulos pela manhã, encontrou a princesa descendo as escadas em direção à entrada do castelo. Lavender irradiava beleza naquela manhã aos olhos do príncipe. Ele ainda não a elogiava abertamente, mas era incapaz de deixar passar despercebido seu olhar de admiração sempre que se encontravam pela primeira vez no dia.

Ela provavelmente estava indo ver Encantado, como era de costume todas as manhãs. Geralmente ela chegava e ele estava lá cuidando de Zion.

— Achei que não iria aos estábulos esta manhã — disse o príncipe.

— Eu só... Dormi um pouco mais que de costume nesta manhã…

A princesa, na verdade, tivera uma noite perturbadora com muitos sonhos. Ela costumava sonhar muito, mas ultimamente notava que seus sonhos estavam bem mais intensos. Ela acordava algumas vezes sobressaltada e um pouco perdida, às vezes sem saber se tudo aquilo era real ou apenas um sonho.

Naquela noite ela havia sonhado com Lyra, ela estava em perigo e pedia a ajuda dela. O pedido de Lyra era como uma súplica, mas ela não conseguia chegar a tempo até onde alguns homens com armas e fogaréus pareciam estar queimando a casa do chalé e levando-a presa. Lavender sabia que tinha construído uma ligação com Lyra desde a aproximação delas, por esse motivo aquele sonho a preocupava mais do que o normal. Não a visitava há algumas semanas, mas sentia que devia fazê-lo logo.

— Não dormi bem esta noite — ela voltou a falar, ao chegarem aos estábulos, onde Encantado já a esperava, ele foi de imediato em direção a ela assim que a avistou.

O príncipe a acompanhou, havia notado na voz dela certa angústia, e com

preocupação, sabia que ela precisava conversar.

— Teve pesadelos, posso imaginar.

— Sim, como um pressentimento de que algo não está bem com alguém importante. Já se sentiu assim? — ela olhou para ele sentindo-se ansiosa, enquanto sentava-se próxima a ele no lugar de costume entre as baias de Encantado e Zion.

— Não costumo ter muitos sonhos, e raramente me lembro de sonhar.

Ela apenas assentiu, entendendo que seria estranho falar para ele o que ela havia sonhado, visto que ainda não haviam conversado sobre Lyra.

— Essa pessoa importante do seu sonho é alguém de Beauchene? — ele insistiu.

— É uma pessoa que é como alguém da família para mim. Às vezes a visito na floresta.

Lavender não pretendia entrar em detalhes, mas decidiu que podia confiar a ele um pouco do que sentia a respeito do sonho. Ela sabia que ele compreenderia.

— Na Floresta Encantada? Foi para lá que você foi na noite do festival... Não é arriscado? Por que precisou ir sozinha?

— Oh, bem, tecnicamente nunca fui sozinha. Encantado sempre esteve comigo.

Ele sorriu, balançando a cabeça negativamente, sabendo que era o jeito dela de deixar as coisas não tão claras. Mas sabia que, de algum modo, quem quer que fosse essa pessoa da floresta, se ela não queria que a própria família desconfiasse, certamente essa pessoa guardava um segredo ainda maior. E que, se estivesse em perigo, certamente a Família Real de Beauchene a colocaria em apuros.

— Eu gostaria de saber mais a respeito dessa pessoa da Floresta Encantada. Talvez pudéssemos conversar mais sobre ela esta noite... Em um passeio noturno… Depois do jantar?

Quaisquer que fossem as intenções de Luidiz ao convidá-la para um passeio noturno, com toda a certeza eram as melhores. Visto que, há quase um mês que ele estava em Beauchene, desde que se aproximaram, nunca haviam saído para conversar durante a noite, sozinhos. Tirando a noite do festival, que, por ser uma festividade, todos estavam juntos.

Ela às vezes ensaiava ir até ele depois do jantar enquanto todos

conversavam na sala principal antes de subirem para seus aposentos. Em muitos devaneios ela imaginava que ele viria até a porta do seu quarto e a chamaria para irem ver as estrelas ou simplesmente conversarem, sozinhos, sob a privacidade que o manto da noite debruçaria sobre eles. Mas ele nunca havia feito isso, então ela imaginara que ele nunca o faria.

Quando ele fez o convite, mesmo que quase como uma sugestão, ela ficou realmente surpresa. Por um milésimo de segundos se pegou imaginando se ele tinha mesmo dito aquelas palavras ou se era mais um de seus devaneios. Então, voltando a si, com a visão de que ele permanecera esperando que ela dissesse algo em resposta, ela se deu conta de que era real.

— Sim, podemos. — Ela respondeu, ainda sem acreditar que ele tomara a iniciativa que ela tanto esperava.

Capítulo 10

Quando Luidiz apareceu na porta do quarto dela naquela noite, depois que todos já haviam se recolhido para dormir, a princesa andava de um lado para o outro no quarto, até finalmente ouvir os passos dele se aproximarem. Era estranho para ela e ao mesmo tempo era uma sensação maravilhosa estar assim, encantada por estar se apaixonando por ele. Ela não admitia para si mesma, mas a julgar pelas batidas de seu coração, ela já amava o príncipe da Bretanha.

Toc-Toc-Toc! Ela mal ouvira as batidas, pegou rapidamente o casaco para evitar um resfriado pelo orvalho da noite e abriu a porta de imediato.

— Vamos, *mademoiselle?* — ele disse, tentando soar cavalheiresco para arrancar um sorriso dela. O que funcionou perfeitamente. Então ele ofereceu o braço a ela e os dois desceram as escadas do castelo o mais silenciosamente possível.



Para surpresa dela, ele a levara àquela parte do jardim que ela havia fugido na noite do baile de aniversário, após dançar com ele. O que a fez perceber, com um pouco de vergonha, como tinha sido injusta com ele, sem ao menos dar a chance de conhecê-lo. Ao notar que ela se dispersava em pensamentos, Luidiz procurou o olhar dela, mesmo às luzes fracas dos lampiões que iluminavam o jardim.

— Dou um cavalo por seus pensamentos — o príncipe quebrou o silêncio.

— Hum, esse cavalo por acaso seria Zion? — a princesa retrucou com um sorriso fraco. — Bem, eu só estava pensando na noite do baile, na primeira vez que nos vimos e dançamos, em como fugi ao fim da dança… Como fui rude e egoísta naquela noite…

— Pelo menos você esperou até o final da dança, não é mesmo? — ele pegou a mão dela, convidando-a para dançar. — Me permite? Eu a perdoo se repetirmos aquela dança. Talvez isso a faça se sentir melhor.

— Obviamente, *monsieur!* — ela deu a mão para ele, entrando na brincadeira.

Os dois dançaram sob a luz fraca da lua e das estrelas, sem música alguma, apenas ao som de seus passos e respirações. Quando tinha se passado tempo o suficiente para que se dessem por satisfeitos, sentaram-se nos bancos de pedra dispostos no jardim.

— Mas, sério, você deve ter ficado pensando que eu era uma princesinha muito mimada — ela voltou a falar assim que se acomodaram em um banco, tão próximos um do outro que nem mesmo uma folha passaria por entre eles.

— Exatamente, minha cara! — ele riu. — Não, eu não pensei nada disso. Nem fiquei chateado, na verdade, porque sabia que era um sacrifício tão grande para você, talvez muito mais do que era para mim, considerando que tenho alguns anos a mais do que você. Eu verdadeiramente entendi sua atitude como corajosa. Toda aquela história de meus pais e seus avós falarem tanto em unir nossos reinos, tentando nos casar… Eu sabia que era disso que você fugia, não de mim.

Ele a olhava com tanta sinceridade que seus olhos pareciam brilhar como estrelas. Ele falava como se revivesse a lembrança dela fugindo do salão após a primeira dança.

— E, no entanto, aqui estamos nós, nos dando uma segunda chance. Sem a interferência deles — disse ela.

— Acha mesmo que eles não desconfiam de que estamos nos encontrando?

— Quero acreditar que não…

Eles ficaram ali conversando por horas seguidas, às vezes esquecendo-se de falar baixinho. Quando a noite ficou mais fria e uma leve rajada de vento soprou, fazendo com que ela se encolhesse, ele automaticamente puxou-a para si, aconchegando-a em seus braços. Vendo que ela não recusara sua atitude, sentiu-se gigante, como se tivesse poderes, só por poder protegê-la de algo tão simples como o frio.

Ela repousou a cabeça no ombro dele como na noite do festival. A sensação de algo mágico invadia seu peito. De repente, sem pensar, ela levou a mão ao amuleto que carregava consigo.

— Quer falar sobre ela agora? — disse ele, quebrando a quietude do momento.

O príncipe percebeu que o amuleto tinha a ver com a pessoa importante que vivia na Floresta Encantada. Ela nem sabia por onde começar a contar a ele sobre Lyra, mas havia prometido que naquela noite falaria a respeito dela para ele.

— Ela é uma… — começou ela, hesitante. Logo em seguida ouviram um barulho de algo que se aproximava por entre os arbustos das pequenas roseiras. Olharam sobressaltados naquela direção, mas não era uma pessoa.

— Um gato! — suspiraram aliviados.

— Que engraçado! Ele tem algo atado ao pescoço. Parece um colar pequenino — percebeu o príncipe.

Então, se dando conta de que não era um gato comum dos que haviam no reino, Lavender se pôs a olhar para ele com curiosidade. Nunca tinha visto nenhum gato com um colar em Beauchene. Olhando mais atentamente, ela se pôs a chamar o gatinho com barulhinhos comuns que já ouvira pessoas usarem para chamar os gatos.

De repente, com um pulo, o gato subiu no colo dela, permitindo que ela o acariciasse.

Mas aquele não era apenas um gesto amigável da pequena criatura, ele estava ali com a missão de entregar a ela um pequeno bilhete escrito em um pergaminho atado ao colar que estava preso em seu pescoço. Ela entendeu, então, na mesma hora que era algo de Lyra e que aquele gatinho viera de longe, da Floresta Encantada, especialmente para entregar uma mensagem a ela.

“*Venha assim que puder! Não tenho muito tempo, tenho que fugir da floresta e preciso contá-la sobre o Encanto antes de partir*”

— Preciso ir — disse ela depois de ler o pergaminho, o rosto expressando toda a angústia que sentia.

— Mas assim? Agora? Sozinha? — o príncipe levantou-se rapidamente e a seguiu. — Princesa Lavender, por favor espere!

Ela andava a passos rápidos, quase correndo em direção ao estábulo.

— Lembra-se do sonho? Eu sabia que aconteceria algo… Se acontecer o

pior…

— Então eu irei com você… — o príncipe se dirigiu até a baia onde estava Zion, mas ela rapidamente o impediu.

— Luidiz, você não pode ir comigo! Você sabe que notariam nossa falta aqui. Se eu for agora, conto com você para ir até Anali e explicar a ela que precisei ir, ela vai me encobrir, como das outras vezes.

Ele pareceu relutante, mas por fim assentiu. Deixou a baia de Zion e entrou com ela na baia de Encantado. Quando terminaram de pôr os arreios e selar o cavalo, guiaram ele em silêncio para fora do estábulo.

— Preciso que me dê cobertura. Se algum dos guardas que fazem as rondas noturnas estiverem por perto, por favor os distraia — pediu a princesa.

Antes que subisse no cavalo, ela procurou a mão dele e a segurou com firmeza por alguns segundos.

— Por favor, tenha cuidado! — ele a puxou rapidamente para um abraço.

— Vou ficar bem. Prometo.

Vendo o quanto ele parecia nervoso e perturbado por deixá-la ir sozinha, ela se voltou para ele e o beijou. Foi um gesto inesperado que o deixou zonzo por um milésimo de segundos. Ela nunca pensara que seria ela a beijá-lo pela primeira vez, mas quando sentiu o impulso de dar a ele algo que o ajudasse a dispersar o que estava sentindo, o beijo tinha sido a resposta de seu coração.

O rosto dele se iluminou no instante em que ela se afastou e subiu no cavalo. Pela expressão ainda chocada, era certo que ele ficaria pensando naquele gesto pelo restante daquela noite.



Capítulo 11

A floresta parecia mais escura que das outras vezes em que ela a atravessou à noite, embora dessa vez ela estivesse com aquele sentimento persistente que parecia nublar ainda mais tudo ao redor. Precisava chegar o mais rápido possível, antes do amanhecer. Encantado parecia reconhecer a pressa dela, e trotava veloz como nunca.

Perto dos primeiros raios do sol ela já conseguia reconhecer os arredores do Chalé de Lyra. Estranhamente, muitas marcas de cascos de cavalos pareciam ter passado por ali antes dela e de Encantado. Como temia, algo de muito ruim provavelmente devia ter acontecido. A ansiedade começou a falar mais alto enquanto ela tentava juntar todas as forças para se aproximar da casa de Lyra.

Por favor, por favor, que não tenha acontecido o pior! Pensava em voz alta, enquanto descia da sela do cavalo.

— Lyra! — começou a gritar. — Onde está?

Tudo o que ouviu foi o silêncio. Ela entrou na pequena casa que estava com a porta aberta e as coisas todas reviradas. Nenhum dos gatos também estavam por perto. Na cozinha, ainda crepitava aceso o fogareiro, como se há poucas horas ela tivesse preparado algo ali.

Perdida em desespero, sentou-se ali mesmo na cozinha e deixou-se cair no chão, debulhando-se em lágrimas. Passou algum tempo naquela posição, abraçando os joelhos para acalmar a si mesma. Quando as lágrimas lhe deram uma trégua, decidiu levantar-se e pensar no que faria. Para onde a teriam levado? Será que haviam sido os guardas de Beauchene?

— Princesa? O que faz aqui? — ela se sobressaltou ao ver que alguém havia entrado repentinamente na casa.

Era o Major dos guardas de Beauchene. Provavelmente ainda estavam rondando a floresta perto da casa de Lyra.

— Major John… — ela levantou-se e caminhou até ele. — Vocês

invadiram este chalé a mandado do rei?

— Na verdade, princesa, a mandado de seu pai. O príncipe Leander teve conhecimento de que a mulher que morava aqui era uma bruxa — ele disse, olhando para ela confuso. — Mas e a senhorita, o que faz aqui?

— Meu pai estava na caravana junto com você e os outros? — ela insistiu, ignorando a pergunta dele.

— Não. Ele espera que levemos a mulher até ele.

— Entendi. Então invadiram a casa de uma mulher sozinha e destruíram tudo apenas por esse motivo ridículo? — Lavender sentia-se enfurecida ao pensar em Lyra fugindo de sua própria casa, deixando suas coisas para trás por causa das ordens de seu próprio pai.

— Estamos apenas cumprindo ordens, princesa. Por favor, permita que eu a acompanhe de volta a Beauchene. Aqui é um lugar perigoso para estar sozinha.

— Não, obrigada! Eu vim até aqui sozinha e voltarei sozinha. — Deu as costas ao Major, e saiu pisando firme até o lugar onde deixara Encantado. — Diga isto a meu querido pai.

Ela montou novamente no cavalo, decidida a não voltar para Beauchene até encontrá-la. Algo lhe dizia que Lyra estava por perto, em um lugar seguro. A preocupação que sentira ao ver a casa toda revirada e vazia, agora a deixava aos poucos, depois que o Major dissera que estavam à procura da bruxa.



Não demorou muito para que a princesa encontrasse Lyra nas proximidades do riacho onde haviam colhido ervas e frutos silvestres há algum tempo, em uma das vezes em que ela viera ver Lyra.

Lyra apareceu de repente, enquanto ela estava sentada à beira do riacho para pensar em tudo o que tinha acontecido da noite anterior até o momento em que encontrara a casa de Lyra totalmente revirada pelos guardas do reino.



— Graças a Deus você está a salvo! — Lavender se levantou em um pulo e a abraçou. — Tive tanto medo de não chegar a tempo…

O rosto de Lyra refletia toda a tristeza que estava em seu coração.

— Eu sabia que eles chegariam aqui em breve, mas quis esperar o momento certo para contar a você sobre o Encanto.

— De certa forma, eu já sabia que aconteceria algo ruim. Tive pesadelos horríveis nas noites anteriores. Desculpe não ter vindo imediatamente. Eu não consigo saber ainda se os meus sonhos são sinais...

— Não se desculpe, minha querida. Você consegue perceber que a magia cerca você, mas não tem controle sobre o que sente. Sou a única de nós que deveria explicar tudo a você — Lyra a tranquilizou.

— Como a magia está em mim? Que Encanto?

Lyra sabia que não podia mais adiar, tinha que contar o que havia acontecido antes do nascimento da princesa. Olhou profundamente nos olhos dela antes de começar:

— Você já sabe que sua mãe teve dificuldades na sua gravidez e que a ajudei com uma poção…

A princesa confirmou com um aceno de cabeça, engolindo em seco. No fundo Lavender sentia medo de que tudo mudasse depois que soubesse o que realmente envolvia a magia que ela recebera em si antes mesmo de nascer.

— A poção que lhe ajudou a dar a vida e manteve você e sua mãe a salvo, consistia em que uma ligação fosse criada entre o bebê que nasceria e um ser puro de coração que se tornaria uma espécie de guardião. Um animal, para ser mais específica. — Lyra imediatamente fixara os olhos em Encantado, que se aproximara no momento em que ela contava a Lavender sobre o Encanto. Era como se ele soubesse que dizia respeito a ele.

— Sua mãe sempre teve certeza de que Encantado seria o guardião perfeito para você, ela sentia que ele não tinha sido dado a ela por acaso, sempre agiu como se somente ela fosse digna de guiá-lo, e depois dela, você.

Os olhos da princesa se encheram de lágrimas ao sentir seu guardião, Encantado, bem mais próximo a ela. Ele abaixou o torso para que ela o tocasse.

— Então… Encantado é meu guardião…

— Sim, minha querida. — Lyra pôs uma mão sobre a dela.

— Eu… — hesitou a princesa.— Então minha vida está ligada à dele? Isso significa que o que acontecer a mim afeta a ele também?

Lyra confirmou a ela com apenas um olhar. Lavender, por fim, entendeu que Encantado era muito mais que uma herança de Filipa. Ela já sentia que ele era como alguém da família, como geralmente consideramos os animais pelos quais cultivamos afeto, mas ter entendido que Encantado fazia parte dela, que ele era seu guardião, tornava tudo diferente. O afeto que ela tinha por ele era mágico… Ela agora entendia bem o motivo.

— Escute, sei que em breve talvez se case e se mude de Beauchene — Lyra voltou a falar depois de algum tempo. — Por isso eu deveria contar a você antes que isso acontecesse. Terei que ir para Glen, não posso mais manter minha casa nesta parte da floresta.

— Você pensou que eu o deixaria em Beauchene, depois que me casasse? Eu nunca o deixaria…

Lavender deixou escapar mais algumas lágrimas, que demonstravam o quanto aquele pensamento de Lyra a havia magoado. Ela nem queria se casar até um mês atrás. Mas, mesmo de ter começado a aceitar o príncipe Luidiz em sua vida, mudar-se de Beauchene nem havia passado pela mente dela. Muito menos a possibilidade de deixar Encantado para trás.

Lyra, percebendo que havia magoado a princesa, apressou-se em se desculpar.

— Eu não quis ofendê-la. Eu só pensei que seria uma possibilidade. Me perdoe se julguei que o deixaria.

— Ele foi o presente mais precioso de minha mãe para mim, eu não o deixaria, mesmo que eu nunca soubesse sobre o Encanto.

Quando a tarde chegou e elas voltaram em segurança para o chalé destruído, sem nenhuma sombra de que algum guarda ainda estivesse por perto, a princesa ajudou Lyra a arrumar os pertences que ela levaria para Glen. Os gatos também haviam voltado para a casa e pareciam tão prontos quanto Lyra para a jornada rumo ao novo lar.

— Posso ir visitá-la em Glen? — Lavender perguntou, terminando de colocar os últimos frascos em um dos caixotes numa pequena carroça na parte dos fundos do chalé.

— Quando as coisas se acalmarem, se tiver certeza de que ninguém a seguirá. Será uma honra te receber em meu novo lar. — Lyra deixou escapar um sorriso radiante.

A princesa permaneceu na casa com Lyra até que, ao cair da tarde, um velho senhor chegou com dois cavalos, aos quais prenderam a carroça de Lyra

em um deles. Depois que elas se despedissem, a princesa voltaria para Beauchene para enfrentar a fúria do pai. Leander, que àquela altura já estaria sabendo onde ela estivera.

— Você pode entregar isto a Anali? — Lyra entregou um envelope a ela. — Quem sabe um dia ela vá a Glen me visitar.

— Ela irá.

Lavender acreditava que Anali seria capaz de superar o que quer que fosse que a impedisse de ir até a irmã novamente. Se antes era por medo e proteção, agora que Lyra estaria a salvo em Glen, onde a magia era sempre bem-vinda, não haveria mais motivos para que ela adiasse um reencontro. A princesa torcia para que um dia pudesse ser capaz de reunir as duas novamente. Ela seria um elo entre elas.

— Até breve, minha querida — disse Lyra, despedindo-se com um abraço antes de subir na carroça e tomar as rédeas do cavalo que o velho senhor trouxera. — Te espero em Glen em um futuro não tão distante.

A princesa beijou-lhe a face, e com os olhos novamente marejados, ficou a acenar até que a visão de Lyra guiando a carroça cheia de caixotes, algumas malas e cestos, sumiram na trilha do pequeno chalé da Floresta Encantada.

— É hora de voltarmos para casa, meu amigo! — disse ela para seu guardião, deixando uma das mãos deslizar pelo torco de Encantado em um afago.

Assim, a princesa e seu guardião seguiram pela trilha do lado oposto ao que Lyra havia seguido. Ao fim daquela noite chegariam ao castelo e ela já podia sentir o medo se aproximar. Temia enfrentar Leander, ela nunca havia confrontado seu pai nem sequer uma vez na vida.

Capítulo 12

Quando Lavender chegou a Beauchene se deparou com uma comitiva já formada para voltar em busca dela. Desta vez, seu pai estava à frente deles. Luidiz também estava montado em Zion e pronto para partir junto a eles para encontrá-la.

Ele olhara tristemente para ela, como se não tivesse tido escolha. A princesa entendia que o príncipe não tivera escolha senão juntar-se a Leander e aos guardas. Sinto Muito! Ela viu os lábios dele gesticularem aquelas palavras sem som algum.

— Lavender, estávamos prontos para ir à sua procura — disse seu pai, aflito.

— Bom, agora que já viram que estou a salvo, não precisam mais ir — ela disse bruscamente, se afastando para levar Encantado de volta ao estábulo. Leander a seguiu, confuso.

— Minha filha, você tem noção de que aquela casa de camponeses é a casa de uma…

— Bruxa? — ela se adiantou antes dele.— Ela se chama Lyra!

— Como pode se referir a ela tão tranquilamente sabendo disso? — Leander pôs as mãos na cabeça enquanto seguia a filha, que, por sua vez, tentava ignorá-lo, tratando de deixar Encantado bem acomodado na baia.

— A verdade, papai, é que ela é uma boa pessoa. Ela se tornou uma grande amiga para mim — ela fez uma pausa para encará-lo. — E… Me machucou muito chegar à casa dela e encontrá-la destruída por seus homens. Como pôde? Como pôde mandar seus homens para invadir a casa de uma mulher que vive sozinha? A mesma mulher que abrigou sua filha, como o senhor mesmo viu, quando fugi depois do baile… Ela me acolheu, não me fez mal algum.

Leander soltou um suspiro, exasperado. Então, sentou-se no assento próximo à baia dos cavalos, onde algumas vezes Lavender e Luidiz costumavam sentar-se para conversar.

— Você sabe as regras… se o rei soubesse… — ele continuou, tentando justificar a atitude que tivera ao mandar seus homens em busca da bruxa.

— Não, papai. Tenho certeza de que meu avô nunca teria mandado homens de Beauchene destruir a casa dela, se soubesse que a mesma me abrigou.

Ela olhou para ele com toda a mágoa que sentia e saiu dos estábulos em direção ao castelo, sem olhar para trás.



Ao entrar no castelo, ela se deparou imediatamente com Luidiz, que a esperava no hall de entrada.

— O que aconteceu na floresta? Sua amiga está bem?

— Ela conseguiu fugir, eles não a pegaram, mas foi por pouco. Eles deixaram a casa toda destruída... — seus olhos se encheram de lágrimas ao lembrar-se.

Luidiz assentiu, tomando a mão dela e a puxando para um abraço acolhedor. Ela sentiu imediatamente parte da angústia ir embora com o gesto dele.

— Meu avô não sabia o que estava acontecendo? Sobre as buscas na floresta? — ela perguntou depois de algum tempo.

— Creio que ele desconfia de algo, mas pelo que sei, seu pai avisou ao rei que você tinha fugido novamente.

Ela ficou pensativa e então o soltou.

— Preciso ir falar com ele. Ele tem que saber por mim, não quero que meu pai conte nenhuma mentira.

A princesa temia que, no fundo, seu avô não a compreendesse, que assim como seu pai, ele fosse movido por aquelas leis que o obrigavam a prender e julgar pessoas que praticassem algum tipo de magia. *Se eles soubessem que eu mesma tenho tanta magia envolta em mim, será que me tratariam da mesma forma?* Ela se perguntou.

Enquanto se aproximava da sala do rei, sentia-se especialmente nervosa como nunca estivera antes. Falar com o avô era sempre bom e simples, ele a fazia sentir que era o ser humano mais especial que já existira na face da terra, mas naquele momento ela se sentia como menor de todos os seres…

Bateu uma vez na enorme porta da sala do rei, e então um dos guardas abriu a enorme porta para que ela entrasse.

— Vovô, podemos conversar? — Lavender sentiu-se menos nervosa ao se aproximar da mesa dele.

O rei levantou-se imediatamente ao vê-la. Foi em direção a ela e a abraçou, permitindo que ela se sentisse acolhida de volta a Beauchene.

— Vovô, eu não fugi novamente, eu estive na Floresta Encantada, sim, mas desejava rever uma pessoa. Uma amiga que me acolheu daquela vez depois do meu baile de aniversário.

Ele confirmou a ela que sabia. Pediu que ela se sentasse por um momento e se acomodou próximo dela, disposto a ouvir tudo o que a neta teria a dizer. Em silêncio, esperou até que ela terminasse de contar tudo.

Lavender contou a ele sobre a primeira noite que fugiu depois do baile de aniversário e como encontrara a casa de Lyra. Contou da amizade que sua mãe tivera com ela e sobre ela ser irmã de Anali. Mas, por algum motivo, o segredo do Encanto que ela carregava em si, ela não foi capaz de contar a ele.

Sentia que aquele segredo era algo que deveria manter para si, se sua mãe e Lyra o mantiveram, ela também o manteria.

— Eles a acusaram de ser uma bruxa — ela decidiu contar a ele apenas sobre o que Lyra era. — Mas eu juro, vovô, ela não faria mal a ninguém.

De repente, os olhos do rei se nublaram, e ela temeu, mais uma vez, que ele tivesse a mesma atitude de Leander. O rei ficou pensativo, e quando decidiu falar novamente sua voz era calma:

— Bem, minha filha, se ela era uma amiga de sua mãe e a acolheu, tenho motivos apenas para agradecer a ela — reconheceu o rei, sincero. — Quanto a ela ser uma bruxa, sabe que se for do conhecimento da população de Beauchene, eles encontrarão todos os motivos para ir atrás dela e certamente irão exigir isso de mim. Para a segurança de sua amiga, aconselho que ela vá embora o quanto antes. Agora que os guardas sabem, logo suas famílias também saberão.

— Não se preocupe com isso agora, vovô, a esta altura ela já está bem longe — soltou um suspiro, aliviada.

— Você a ajudou e viveu sua aventura, minha filha, provou sua fidelidade. Tenho apenas motivos para me orgulhar de sua coragem. Com certeza esta foi uma aventura digna de escrever em um livro, não foi?

Se ele soubesse de toda a história… Ela pensou novamente no fato de Encantado ser seu guardião, no Encanto e nas poções que a ajudaram a nascer.

— Sim, vovô! Foi uma aventura digna de escrever em um livro. — confirmou, o vislumbre de um sorriso se formando em seus lábios.

Capítulo 13

Passadas as últimas semanas da família Real da Bretanha em Beauchene, o rei Philippe e a rainha Yanna organizaram um baile para a despedida do verão e pela ocasião da volta de seus amigos para a Bretanha.

Luidiz e Lavender estavam cada dia mais próximos. Desde que a princesa voltou da Floresta Encantada na noite após Lyra partir para o Vale de Glen, sentia que Luidiz havia sido o apoio que ela mais precisava nos dias que se seguiram. Dias em que ela e seu pai mal conversaram. Ele tentara se aproximar dela inúmeras vezes, mas ela, com toda a teimosia que habitava em si, ergueu muros entre eles.

O baile seria uma ótima oportunidade para a reconciliação entre pai e filha, segundo as intenções do rei. O rei não apoiara o que Leander tentou fazer com Lyra, após saber da história contada pela neta, mas tampouco queria que pai e filha mantivessem tamanho ressentimento.

Na noite do baile, após a filha descer as escadas em direção ao salão, Leander esperava por ela aos pés da escadaria.Lavender era como uma visão dos céus, estava em um vestido no tom de Lavanda mais encantador, todo trabalhado em rendas e detalhes de flores que se sobressaiam. Seu pai ficou parado por um bom tempo a admirá-la. Lembrava-se de Filipa ao descer aquelas mesmas escadas no dia do casamento deles.

— Papai? — a princesa despertou-lhe de seus pensamentos.

— Lavender, você está magnífica! — elogiou o pai. — Minha filha, eu realmente gostaria que esta noite pudéssemos deixar de lado o que eu fiz que a magoou tanto em relação a…

— Lyra — completou ela, mais uma vez, antes que ele falasse.

— Sim, sua amiga Lyra!

— Então, papai, o que acha de me conduzir na primeira dança? — propôs ela, abrindo um sorriso.

Leander retribuiu o gesto da filha e ofereceu o braço para acompanhá-la até o

salão.

Pai e filha se dirigiram ao centro do salão e dançaram, o perdão que ela concedeu a ele estava implícito naquela dança.

Quando a música estava acabando, a princesa se surpreendeu com a aproximação repentina de Luidiz. Ele pediu licença a Leander para que ela lhe concedesse a próxima dança. O pai, então, se afastou com uma reverência, dando lugar ao príncipe da Bretanha.

— Então, chegamos ao fim do verão em Beauchene — começou o príncipe, enquanto a conduzia. — Amanhã cedo partiremos de volta à Bretanha.

— Estive pensando nisso desde o início desta semana. Parece que o tempo resolveu correr mais depressa desde que nos aproximamos. — Ela segurou-lhe a mão com força.

— Eu realmente ficaria feliz se você fosse nos visitar na Bretanha, em breve. — Luidiz deixou o convite em aberto, mas, ao falar, olhou-a com intensidade, esperando que ela entendesse que aquele convite era o mais profundo desejo de seu coração.

Ela assentiu, sem emitir nenhuma palavra. Parou de dançar e o puxou pela mão até que estivessem fora do salão de baile. Felizmente, todos os convidados estavam muito distraídos com a música e a dança para notar que eles saíram de fininho.

Andaram em direção àquele mesmo jardim que estiveram na noite do passeio noturno, antes de ela ter recebido o recado de Lyra.

— Eu vou sentir muito a sua falta, Luidiz — disse, sincera. — De verdade, eu não esperava que sentiria o que agora sinto por você…

— Para mim também foi uma boa surpresa, Lavender. — O príncipe tomou-lhe uma das mãos. — Confesso que fiquei encantado por sua beleza e coragem desde o primeiro dia em que a vi no seu baile de aniversário, e embora estivesse ciente do que nossos pais e avós queriam para nós, eu também não esperava que a amaria no fim das contas.

Com olhos ávidos, ela aproximou seu rosto do dele, até que suas respirações fossem uma só. Não o beijou de imediato, apenas hesitou por algum tempo, com os lábios quase tocando os dele.

— Beije-me, por favor! — ela pediu, certa de que daquela vez esperaria que ele o fizesse.

Tomando o rosto dela entre as mãos, ele a beijou. O encontro de seus

lábios, diferentemente da primeira vez, foi intenso e apaixonado. Não que já não houvesse paixão no primeiro beijo dos dois, mas, naquela primeira vez, Lavender o fizera de repente, sem que ele esperasse, com a intenção de acalmá-lo quanto a deixá-la ir sozinha para a floresta sem questionamentos.

Ainda envoltos pela magia daquele segundo beijo apaixonado, o mundo ao redor deles desapareceu pelo tempo em que o beijo durou. Quando voltaram à realidade, ao abrirem os olhos, ainda eufóricos pela sensação que o beijo lhes havia causado, dirigiram-se ao banco de pedra já conhecido.

Luidiz segurava-lhe a mão o tempo todo, relutante em soltá-la.

— Princesa Lavender de Beauchene — ele disse, as palavras soando como uma melodia. — Quero que me prometa uma coisa.

— E o que seria essa promessa, meu caro Príncipe Luidiz da Bretanha? — ela sorriu tentando fazer parecer leve aquele momento, qualquer que fosse a promessa que ele queria que ela fizesse, ela já sentia o nervosismo se antecipar.

— Prometa-me que estaremos juntos em todos os verões que virão.

Todas as borboletas voaram desenfreadamente dentro dela naquele momento. Quase sentindo que explodiria de felicidade, Lavender entendeu de imediato que aquela promessa significava que ele queria que ela prometesse que se casariam. *Prometa-me que passaremos juntos todos os próximos verões*, as palavras dele ainda ressoavam dentro dela.

— Todos os verões, outonos, invernos e primaveras — disse ela por fim, esperando que ele não notasse o leve tremor em sua voz.

Radiante pela resposta dela, ele a beijou novamente. Daquela vez, sorrindo o tempo todo. E assim, entre pequenos beijos e sorrisos, consentiram que seus corações pertencessem um ao outro daquele dia em diante.

Epílogo

Todo o reino de Beauchene acordou em festa naquela manhã de maio, algumas semanas após a princesa Lavender completar seus 18 anos. Aquela era a manhã mais esperada pelos reis e rainhas de Beauchene e da Bretanha dos últimos 2 anos, quando Lavender e Luidiz anunciaram que concordariam com o compromisso para o casamento, desde que fossem eles a decidir o tempo para noivado e para o casamento.

Nos 2 anos que se passaram, mantiveram aquela promessa que fizeram um ao outro à distância. Escreviam um ao outro todas as semanas e aguardavam ansiosos pela chegada do verão, quando finalmente tinham a chance de se reencontrarem.

No verão seguinte à promessa dos dois, Lavender fora para a Bretanha acompanhada do rei Philippe e da rainha Yanna. Passaram um mês esplendoroso no reino dos amigos. Ela, que nunca havia visitado o reino de seu príncipe, surpreendeu-se. A Bretanha possuía terras tão encantadoras quanto as de Beauchene. Mas a parte que mais a deixou encantada foi, sem dúvida alguma, ter o oceano tão próximo ao castelo. Em Beauchene, para chegar ao porto, precisavam passar dos Vales de Glen, na Bretanha, o oceano estava a apenas uma curta cavalgada de distância.

Luidiz a levou praticamente todos os dias para cavalgar perto do mar. Zion e Encantado deixavam as marcas dos cascos na areia, satisfeitos com as ondas que iam e vinham. A viagem até a Bretanha fora longa, então ela não guiara Encantado até lá. Ao invés disso,

deixou que ele seguisse a carruagem com o cavalariço que ia em outro cavalo para fazer companhia a seu guardião.

No fim, fizera a coisa certa, um mês inteiro na Bretanha longe de Encantado seria imperdoável para ela, principalmente depois que ela descobriu sobre o Encanto.

Assim, todos os dias em que esteve na Bretanha, Luidiz e ela caminhavam até a praia ao pôr do sol, cada dia mais próximos e apaixonados, ansiavam pelo ano seguinte, quando Lavender completaria seus 18 anos. Decidiram que só então, se casariam.

O casamento, organizado com muito amor e zelo por Anali e pela rainha Yanna, não deixou nada a desejar. Haviam flores de lavandas e peônias por todos os lados, desde a entrada do castelo ao jardim interno, onde se encontrava um altar ao ar livre com bancos dispostos por sobre a grama verde que a primavera os havia presenteado.

A princesa escolhera um vestido branco com um manto bordado com pequenas flores na cor lilás. Já que não seria de bom tom usar a cor que tanto amava também em seu vestido de casamento, ela insistiu em ter suas flores favoritas bordadas em seu manto.

— Já está pronta para descer? — Anali entrou no quarto, ocupando-se logo em ajustar novamente o manto que a princesa havia posto sobre os cabelos.

— Sinto-me mais do que pronta, Ana. Acho que já esperamos demais, fiz o pobre Luidiz esperar por 2 anos — disse, sorrindo ao pensar no noivo.— Você já o viu arrumado? Oh! Ele está divino, não está?

— Tão divino quanto ansioso, assim como você, princesa.

Anali sentia como se fosse o casamento de sua própria filha. Orgulhava-se da mulher que Lavender estava se tornando e de tê-la aconselhado a dar uma chance ao príncipe quando ela estava tão determinada a ignorá-lo.

— Princesa, antes que vá, quero que saiba que alguém está aqui no castelo para vê-la neste dia — Anali conduziu Lavender até uma das janelas do quarto, de onde ela podia ver, um pouco distante, uma mulher vestida com trajes simples que tentava se misturar aos plebeus presentes para prestigiar o dia do casamento. Era Lyra. Seria impossível não notar os cabelos acobreados ao sol, mesmo por baixo de um chapéu singelo.

— Ela veio! — os olhos da princesa encheram-se de lágrimas, ao se dar conta de que a amiga tinha se arriscado para vê-la em seu casamento. — Como poderei falar com ela?

— Não se preocupe, minha querida, darei um jeito de ela subir aqui e esperá-la até o fim da cerimônia.

A princesa assentiu, confiando que Anali daria um jeito como ela sempre dera, tantas vezes, para ajudá-la.

Ao descer as escadas do castelo, seu pai estava esperando por ela para guiá-la ao altar. Seus avós, o rei e a rainha, já estavam a postos em seus lugares nos tronos postos próximos ao altar. Mas, a visão do príncipe esperando por ela, em frente ao altar, fez com que ela deixasse de notar qualquer outro detalhe ao redor deles.

Luidiz abrira imediatamente um imenso sorriso ao vê-la caminhar apressadamente pelo corredor. Ela havia apressado o passo em uma velocidade que seu pai tivera dificuldade em acompanhar.

Quando Luidiz pegou a mão dela, oferecida por Leander, beijou-a em um cumprimento.

A sensação era de que a cerimônia se passava ao longe, todos ao redor desapareciam e só restavam os dois. Quando o bispo chamou a atenção deles para as perguntas de costume que faziam aos noivos, eles respondiam após mais algumas trocas de olhares. Seus olhos sorriam constantemente um para o outro.

Para Lavender, naquele momento era difícil acreditar que, um dia, ela já pensara em fugir da companhia dele. Ele era agora para ela

não somente seu amor, mas também seu melhor amigo. Se entendiam com apenas um olhar. Era difícil conter a ansiedade que crescia dentro dela para começar a viver ao lado dele, sem que tivessem que esperar que mais verões chegassem.

— Princesa Lavender? — ela voltou ao presente, percebendo que todos esperavam a resposta dela.

— Perdão reverendo — ela pigarreou.

— Aceita o Príncipe Luidiz Alfred da Bretanha como seu esposo? — repetiu o bispo.

Luidiz olhava-a com seriedade. Por um momento, ela notou que uma sombra de medo transpassou o rosto dele.

Ela então, tomou rapidamente a mão dele, acalmando-o.

— Sim, mil vezes sim! Eu o aceito! — disse, apertando as mãos dele.

O bispo repetiu a pergunta ao príncipe, que imediatamente respondeu o mais sonoro sim.

— Sim, para sempre sim! Eu a aceito!

Luidiz então, tomou-a em seus braços e a beijou, antes mesmo que o bispo dissesse as palavras.

Quando a cerimônia acabou, após algum tempo que dedicaram aos convidados, ela percebeu que Anali a esperava próximo às escadarias.

— Ela já está à sua espera, princesa — disse a ama quando elas chegaram ao corredor que levava aos quartos do castelo.

Quando Lavender entrou no quarto, Lyra estava de pé, próxima à janela. Então virou-se rapidamente para receber o tão esperado abraço de Lavender.

— Lyra! Estou tão feliz que veio.

— Eu não poderia deixar de estar aqui no seu dia mais importante, minha querida.

— Mesmo se arriscando… — lamentou Lavender.

— Bom, eu tinha que ao menos tentar. Depois de 2 anos, eu esperava que não tivesse nenhum problema em chegar aqui, se me misturasse aos plebeus que estariam presentes…

Lyra e Lavender não tinham voltado a se ver desde o dia em que se despediram na antiga casa do chalé da Floresta Encantada. Anali havia finalmente visitado a irmã algumas vezes em Glen, Lavender ficara sabendo após voltar do verão em que havia passado na Bretanha. Anali, então, contou que passou algumas semanas com Lyra, e que as duas tinham deixado de lado qualquer mágoa ou ressentimento que ainda as afligisse.

Por inúmeras vezes a princesa quis ir a Glen, pensando em arriscar-se em mais uma aventura, mas foi advertida por Anali para que ela não tentasse ir novamente por algum tempo.

Glen era um Vale quase intocado, muitos dos que lá habitavam tinham magia, e as fronteiras eram protegidas para que os humanos de Beauchene não chegassem a destruir o que lá existia.

Quando Anali foi visitar Lyra, tivera que ficar uma noite inteira na fronteira, enquanto aguardava que algum dos guardiões fizessem com que Lyra viesse até ela.

— Pensei em ir a Glen, mas Ana me impediu — disse a princesa, sentando-se na cama.

— Ela estava certa! Os guardiões da fronteira certamente a reconheceriam. Não deixariam que a princesa de Beauchene entrasse, por senso de proteção. Anali conseguiu esperar que eu fosse até ela, porque eles não a reconheceram.

Lyra sentou-se ao lado da princesa, tomando-lhe uma das mãos.

— Escute, princesa, eu não sei quando terei a oportunidade de vê-la novamente — começou Lyra. — Então quero aproveitar esta oportunidade para expressar o quanto estou torcendo por sua felicidade. Se tem alguém a quem desejo que tenha o final feliz que sempre mereceu, este alguém é você...

Quando terminou de falar, Lyra estava com os olhos cheios de lágrimas. Lavender tocou a face dela, enxugando algumas das lágrimas que caiam.

— Lyra, sou eu que serei para sempre grata por sua amizade e fidelidade, por mim e por minha mãe. Nunca a esquecerei! Graças a você estou aqui, graças a você eu também soube a verdade sobre o Encanto. E, tenho certeza que contribuiu para que eu confiasse no amor de Luidiz.

As duas se abraçaram por um longo tempo, até que ouviram Anali dar leves batidinhas na porta, indicando que a princesa deveria descer novamente para a festa, todos estavam esperando por ela.

— Vá, minha querida! — Lyra abriu um sorriso condescendente. E então a princesa saiu pela porta do quarto, parando novamente para olhar para Lyra mais uma vez antes de sair pelo corredor para descer as escadas.



Ao voltar para o salão onde a festa estava acontecendo, ela viu seu príncipe entretido com alguns dos convidados que vieram da Bretanha com a Família Real.

— Um brinde — propôs o rei Alfred ao avistá-la. — Aos noivos, e a minha segunda filha, agora princesa de Beauchene e da Bretanha. A Lavender e Luidiz.

Todos o seguiram aos risos e vivas, ao que a princesa, sem

conseguir segurar o riso de alegria, andou apressadamente em direção a eles para festejar.

Luidiz a acompanhou de mãos dadas. Tomaram cada um uma taça de vinho e brindaram com seus pais, avós e amigos. Todos no salão ergueram suas taças acompanhando-os em mais uma onda de vivas.

Quando voltaram a circular pelo salão, a rainha Grace tomou-a pela mão em um momento de distração.

— Bem-vinda à família, princesa da Bretanha! — disse a rainha, sorridente.

— Finalmente! — Lavender a abraçou forte, recebendo o amor da rainha que daquele momento em diante, seria para ela como uma segunda mãe.

— Minha filha, você não sabe o bem que faz ao meu coração ver que você e Luidiz estão finalmente casados. Esperamos tanto por isso! Estamos, agora, para sempre unidos como uma só família, Beauchene e a Bretanha, como deveria ser.

— Está tudo tão perfeito. Todos aqui neste dia para festejar conosco, eu não poderia querer mais nada. Estou verdadeiramente feliz, rainha Grace. — Lavender disse, tomando as mãos da rainha nas suas. — Obrigada pelo maravilhoso filho que prepararam para mim!

A rainha puxou uma das mãos que Lavender segurava e tirou um anel em forma de coroa, cravejado com pequenas particulas brilhantes de diamantes negros. Em seguida, tomou a mesma mão em que Luidiz havia posto a aliança de casamento, e colocou o anel no mesmo dedo da princesa, formando assim, um par perfeito que parecia complementar sua aliança.

— Quero que fique com ele — pediu a rainha. — Este anel é uma herança da minha família que agora passo a você, minha filha. Eu prometi à minha mãe que o passaria para a minha filha, se um dia eu tivesse uma filha. Como não tive, fui abençoada através de você que

se casou com meu filho e será como uma filha para mim…

A princesa não sabia o que dizer diante do gesto de sua sogra, então apenas aceitou com o coração transbordando gratidão. A rainha a considerava como filha agora, era o melhor de todos os presentes. Ela tinha confiado a Lavender uma relíquia de família, o que significava que suas vidas estavam entrelaçadas para sempre. Assim como a dela e a de e Luidiz.

Ela tocou o anel em seu dedo em conjunto com a aliança e tremeu levemente. Sentia-se um pouco nervosa pela carga simbólica que aquele gesto representava, mas, acima de tudo, sentia-se verdadeiramente honrada por carregá-lo consigo. Ele seria um elo entre elas.



— Minha esposa — Luidiz disse puxando-a para si, assim que avistou sua mãe se afastar.

— Meu esposo — ela respondeu a ele com uma reverência ensaiada. Dando uma mão a ele, deixou que ele a conduzisse.

— Vamos! Tenho uma surpresa para você como presente de casamento…

Ela parou bruscamente, obrigando-o a olhar para ela.

— Luidiz, o que está aprontando?

Ele apenas riu e voltou a conduzi-la para fora do salão.

Quando chegaram àquela parte do jardim em que estiveram por tantas vezes em seus passeios noturnos, ele parou e se virou para ela, tomou seu rosto entre as mãos e a beijou lentamente, longe de

qualquer olhar, com a certeza de que ela jamais o deixaria.

— Não era bem a surpresa que eu estava esperando, mas gostei — disse ela, animada com o beijo.

— Bem, o beijo não era a surpresa, mas tive que fazer isso novamente, longe de todos — ele continuou a rir. — Eu… Gostaria de poder levá-la a qualquer lugar do mundo em que você sonhasse em visitar, fora dos muros deste reino ou até mesmo fora dos limites da Bretanha. Sei que você queria muito ir a Glen para viver sua própria aventura quando nos conhecemos…

— Luidiz, eu estaria feliz em qualquer lugar do mundo, desde que estivesse ao seu lado.

— Vou levá-la a Cloverland — anunciou, sem mais alardes.

— Cloverland! Vamos mesmo? — o olhar dela se iluminou. Luidiz a tomou em seus braços, abraçando-a o mais forte que conseguiu, dando alguns giros no ar.

— Sim, partiremos amanhã mesmo!

Ela o envolveu com os braços em volta de seu pescoço e o puxou para mais um beijo.

— Luidiz, obrigada de coração! Eu não achava que seria possível amá-lo ainda mais.

— Eu ainda quero te levar a tantos lugares, princesa. Este será apenas o começo de nossas aventuras.

Envoltos pelos últimos raios de sol do dia que partia, no jardim onde tinham passado boa parte das semanas em que se apaixonaram, o céu tingido por um tom de lilás inconfundível, banhando os dois como uma bênção das promessas dos anos vindouros. Eles se aconchegaram nos braços um do outro enquanto ouviam a música da festa continuar ao fundo e os sons das cigarras e dos pássaros a se despedirem do fim daquele dia. Então, ouviram os cavalos a relinchar nos estábulos em comemoração. Sorriram um para o outro automaticamente e foram, de

mãos dadas, até Zion e Encantado, nos estábulos, onde tudo havia começado.

Agradecimentos

Este conto de fadas jamais existiria se não fosse pela fé das pessoas que mais amo e que acreditaram em mim.

Primeiramente a Deus, depois a minha família, meu avô Capitão que, sempre foi a pessoa que mais me inspirou na vida. Desde as histórias mais simples e singelas, cheias de amor que sempre ouvi dele desde pequena. Ele ria com o olhar da mais pura alegria ao contá-las, acho que era isso que tornava aquelas histórias tão especiais.

Minhas tias, Paizinha, Rosa e Graça que também, junto a ele, me inspiraram com as histórias antigas de contos de fadas que eu pedia, repetidamente, para elas contarem antes de dormir, nas noites em que eu passava com todos eles na simplicidade da casa que sempre foi meu segundo lar.

Minha Vó, Balbina, que, sempre no cantinho dela, ouvindo as histórias, cuidou de mim como uma filha do seu coração.

Minha mãe, meu pai e meu irmão, Aparecida, Gentil e Yukio, que me incentivaram e ficaram felizes por mim quando nem eu mesma ainda acreditava tanto em mim.

Meus amigo que ficavam tão felizes com as artes para esse livro, ainda quando as ideias eram uma bagunça que só eu mesma entendia, mas ficavam empolgados por mim.

A Joy, que desenhou a arte da capa e as artes do interior do livro, se tornou também uma amiga nesse processo. Sou muito grata, mesmo

de longe vocês dedicaram tempo, amor e carinho por minhas palavras.

Ao Alessandro, que foi o primeiro a ler os rascunhos dos primeiros capítulos desse conto de fadas e investir em mim quando me deu de presente o curso de escrita que eu tanto queria fazer no fim do ano de 2022. Sem dúvidas, aquele foi o ponto de partida que eu precisava para dar continuidade aos meus escritos e acreditar novamente nos meus sonhos.

E, por fim, novamente agradeço a força que recebi de Deus, pelas noites de sonhos cheios de significados que me levaram a voltar a escrever. Pelos dias difíceis de tristeza em que me despertava para que eu fosse escrever e esquecesse as lágrimas. Pelo amor incondicional, sempre me guiando com a minha intuição e por tão imenso amor que eu não sou ainda capaz de entender. Espero que eu possa sempre honrar Seu Amor através das minhas palavras.

Sinopse

Era uma vez, em um reino chamado Beauchene, vivia uma princesa chamada Lavender. O reino era próximo de uma Floresta Encantada e de um Vale habitado por seres mágicos. Há muito tempo a magia havia sido proibida naquele reino, até o nascimento da princesa de Beauchene, Lavender, a neta do rei. A princesa com nome de flor cresceu acreditando em histórias encantadas. O que ela sequer podia imaginar, mesmo em seus melhores sonhos, era que um poderoso *Encanto* sempre havia feito parte dela, corria em suas veias, era parte de sua alma.